# Olhos de Fé que nos fazem criativos para amar

« Se podes...! Tudo é possível a quem crê» Mc 9, 23

Equipa do Caderno de Oração
da Familia Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Filipa Baptista
Francisco Valles
Joana Simões de Almeida
Joana Branco
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Mónica Maruny
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Carla Contreiras
Cláudia Sá
Marta Cruz
Pedro Paulino
Teresa Costa Silva

Comentários e sugestões para:
**f dghuqr ghr udf dr ygC j p dlof r p**

## Olhos de fé que nos fazem criativos para amar


4 **INTRODUÇÃO**

**PARTE I** | Domingos de Verão
10 Introdução ao mês de JULHO - Com olhos de Fé
13 7 Julho - Domingo XIV do T.C.
17 14 Julho - Domingo XV do T.C.
21 21 Julho - Domingo XVI do T.C.
26 28 Julho - Domingo XVII do T.C.
28 Introdução ao mês de AGOSTO - Com olhos de Esperança
31 4 Agosto - Domingo XVIII do T.C.
37 11 Agosto - Domingo XIX do T.C.
41 18 Agosto - Domingo XX do T.C.
44 25 Agosto - Domingo XXI do T.C.
48 Introdução ao mês de SETEMBRO - Com olhos de Amor
50 1 Setembro - Domingo XXII do T.C.
54 8 Setembro - Domingo XXIII do T.C.
58 15 Setembro - Domingo XXIV do T.C.
63 22 Setembro - Domingo XXV do T.C.
67 29 Setembro - Domingo XXVI do T.C.
70 Reflexão final - Uma Esperança Renovada

**PARTE II** | Reflexões Santo Padre
74 Introdução
76 Reflexões Santo Padre

98 Próximas actividades da FaMVDei Lisboa

# Um tempo para viver ao ritmo de Deus

Comecei a escrever a introdução ao Caderno de Verão em pleno Domingo de Pentecostes, uma semana depois de ter feito um retiro de silêncio em Vale de Lobos.

Com toda esta ação do Espírito Santo, tenho sentido um grande convite da parte do Senhor para viver o dinamismo da ressurreição nestes tempos concretos, a presença de Deus em nós, que ilumina as nossas realidades.

Mas desta vez, ainda mais do que isso: arriscar entrar numa atitude de "Pentecostes", o que significa:

- ultrapassar o impasse dos discípulos após a ressurreição (com receios, escondidos, sem saber o que fazer, nem como continuar…);
- levar para a vida diária, real, todos os dons recebidos, ampliados, descobertos, discernidos, trabalhados, desfrutados…;
- abrir os sentidos a Deus, aos outros;
- testemunhar claramente as razões da minha fé e esperança;
- dar pequenos grandes passos de fé: "Eu creio que posso!".

Contemplando a vida de vários dos discípulos de Jesus é impressionante a forma como mudam a sua forma de estar, a atitude, a postura que apresentam, cheios do Espírito, que nunca mais os abandona…

Faz-me sentido que este tempo litúrgico, "Tempo Comum", que é o mais longo (desde o fim do tempo Pascal até ao

início do Advento) seja o tempo em que somos chamados, no aqui e agora, a deixar que esse Espírito de Confiança, de Esperança, de Amor, trabalhe em nós, nas nossas vidas, no nosso mundo… que nos dê um olhar diferente!!! E que dê frutos!!!

É interessante também que este tempo coincida com o tempo de Verão, muitas vezes com as férias da maioria das pessoas, num convite aberto a uma maior disponibilidade interior e para os outros, numa mudança de perspetiva, de um novo olhar…

Que aproveitemos este tempo, onde tudo nos convida a viver a um ritmo diferente (quem sabe… ao ritmo de Deus…) e saibamos parar (um pouco) e deixar que o Espírito nos envolva…

*Tg 2, 14-18: "De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: "Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até ficar satisfeito", sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. Mas alguém dirá: "Você tem fé; eu tenho obras". Mostre-me a sua fé sem obras, e eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras."*

- Como vai a nossa história de amor com o Pai, o Filho e o Espírito Santo?
- Como está o nosso diálogo, a nossa oração?
- Como está o meu olhar sobre o que se passa?
- Que frutos já experimento na minha vida?
- Que "obras de fé" já vivo?
- Para onde me sinto chamado(a) a ir?
- Que novos desafios…?

Que seja um tempo bom, de renovação…

Para que possamos proclamar em cada dia:

EU CREIO QUE POSSO !!!

## Tempo para o essencial

*Passamos a vida à espera de ter tempo...*
*e o pior é que o tempo que esperamos, é tempo para o essencial...*

*Sim, tempo para repensar a vida ou para rezar;*
*tempo para responder às cartas ou para visitar um doente;*
*tempo para dialogar problemas ou para ouvir os outros;*
*tempo para descansar ou programar calmamente o futuro...*

*Passamos a vida à espera de ter tempo, ou, então,*
*a trabalhar afadigadamente para depois ter tempo.*

*Mas tanto nos viciamos nesta lufa-lufa*
*que das duas uma:*
*ou caímos de cansados*
*ou quando esse tempo vem*
*já não sabemos senão esgotá-lo na rotina que criámos.*

*O tempo não é inesgotável*
*e foi-nos dado para o essencial.*
*Importa começar por abrir nele,*
*no tempo que hoje nos é dado,*
*clareiras destinadas ao essencial*
*porque o resto é que pode esperar.*

*Se colocamos esse essencial*
*no horizonte longínquo dos nossos ideais,*
*corremos o risco dramático de não o chegar a viver*
*e a nossa existência seria uma oportunidade perdida...*

Carlos Paes

# parte I — Domingos de Verão

# Com olhos de fé

Desde criança falaram-me que devia crer sem ver, que a fé é cega, mas cada vez mais constato que, pelo contrário, devo crer para ver, que a fé faz-me ver mais e melhor; que a fé tem uma luz com a qual consigo diferenciar tudo de uma forma nova.

A fé é o olhar de Deus, que olha não só as aparências mas sim o coração. O olhar de Deus não vê só as acções, mas sim as intenções que as provocam.

Hoje, mais do que nunca, é preciso poder ter um olhar diferente para não nos angustiarmos e para ver soluções que desde o nosso olhar são impossíveis de ver.

Pensava eu: como é que Deus tem essa capacidade de ver, tão diferente da nossa?

Deus não utiliza só os olhos para ver: no seu olhar põe o coração e a cabeça, de modo que ao olhar compreende, ama, sabe a situação das pessoas, é positivo e conhece as possibilidades do outro… e também olha com muita confiança, acredita na mudança, na transformação. E olha com perdão, com muito perdão.

Realmente, o olhar de Deus está preenchido de fé: fé na criação, fé na vida, fé nas pessoas, fé nas capacidades de superação, de trabalho, de optimismo, de esperança... Fé sempre, em todo o momento e lugar, sejam quaisquer que sejam as circunstâncias.

Todos nós, com olhos de fé, podemos ver as maravilhas de Deus, podemos ver como Deus vê.

Penso também na nossa mãe Maria: também ela sabia olhar com um olhar de Deus, um olhar de fé… Maria acreditava em Deus antes de ver, acreditava na sua Palavra e confiadamente dizia: faça-se em mim, não segundo o que eu vejo, mas sim de acordo com o que Tu dizes que vai ser.

Maria também olhava para a sua sociedade com olhos de fé e por isso foi capaz de cantar esse magnificat que parece uma utopia, mas que simplesmente é olhar à sua volta com o olhar de Deus.

Neste momento, cada um de nós tem a possibilidade de cantar e exultar de alegria como Maria, ainda que à nossa volta tudo fale do contrário. A nossa missão é, desde a fé, encher o mundo de notas coloridas, de ritmos alegres de cantos de Magnificat.

## Magníficat

*"Minha alma louva a grandeza do Senhor, e o meu espírito explode de alegria em Deus, meu Salvador, porque ele olhou com agrado para a sua escrava.*

*E, desde hoje e no futuro, todas as gerações chamar-me-ão ditosa,*

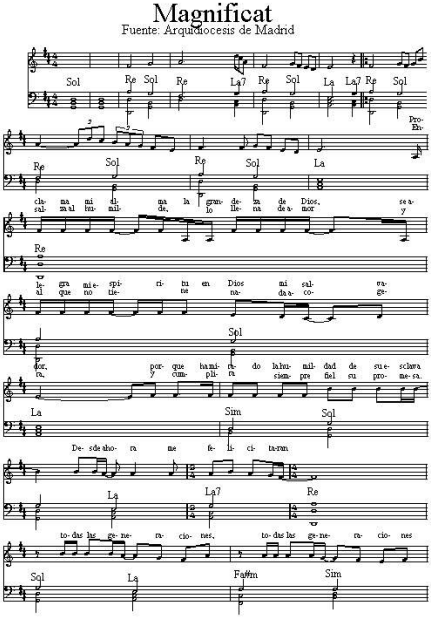
*porque o Todo-Poderoso, o Santo Nome, tem feito em mim maravilhas que, o da misericórdia esplêndida de geração em geração, a quem temes de coração.*

*Seu braço foi valente, quebrou os planos aos corações orgulhosos, tombou os poderosos e elevou o povo, repartiu todos os seus bens aos famintos e deixou sem nada os ricos.*

*Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se da misericórdia prometida aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência.*

*Para todo o sempre.*

José María Ballarín



# Queres tu ir em meu nome?

Is 66, 10-14c

Sl 65, 1-5.16.20

Gl 6,14-18

Lc 10 1-12.17-20

Depois disto, o Senhor designou outros setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. Disse-lhes:
«A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe. Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandálias; e não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho. Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: 'A paz esteja nesta casa!' E, se lá houver um homem de paz, sobre ele repousará a vossa paz; se não, voltará para vós. Lc 10 1-6

**Jesus, vendo o mundo como está, não protege os seus, deixando-os ficar em casa tranquilos. Pelo contrário, Jesus arrisca e sabe que envia os Seus para situações adversas, "como cordeiros no meio de lobos".**
**Hoje, Jesus continua a pedir o mesmo aos seus seguidores: "envio-te porque o mundo está perdido, despistado como ovelhas sem pastor"**

O Evangelho de Lucas mostra-nos o envio que o Senhor faz de setenta e dois discípulos em missão e as instruções que lhes dá.

Ações e palavras que são Palavra sempre atual para nós. Entre as instruções de Jesus, encontra-se a primeira oração ao Dono da messe; mas não chega: é necessário pôr-se em caminho e fazê-lo em nome do Senhor, enviados por Ele a "todos os lugares e povos onde Ele pensava ir".

Também hoje o Senhor renova a sua chamada sobre as nossas vidas, com o desejo de nos enviar. Sabemos que Ele deseja ir a todos os lugares e povos, a todas as gentes, a cada pessoa… Assim, cada lugar, cada pessoa é destinatária do anúncio que o Senhor nos confia: uma mensagem de paz, uma mensagem de cura e uma mensagem sobre a proximidade do Reino.

Podemos lançar um olhar à nossa volta, ao nosso mundo, como fez Jesus: há muitas situações de dor, de injustiça, de desesperança, … e há muita gente que está desorientada "como ovelhas sem pastor" (paralelo com Mt. 9, 36-37), ou seguindo caminhos errados, que conduzem à destruição.

É urgente que olhemos, que abramos os olhos, que estas situações nos comovam o coração como o fizeram a Jesus e que nos provoquem uma oração urgente: "Senhor, envia trabalhadores…" .

A nossa oração é necessária, mas não é suficiente. Se escutarmos bem, certamente ouviremos Dele esta pergunta: "queres tu ir em meu nome?"

Jesus conta com a nossa disponibilidade e com a nossa generosidade. Deixemo-nos enviar e levar a boa noticia do Reino. Porque o Reino é Ele, é a sua proximidade amorosa e salvadora para cada homem. É Ele quem nos faz portadores da sua paz, tão precisa hoje nos nossos corações, nas nossas famílias, nas nossas aldeias e cidades …; faz-nos portadores da Sua palavra que é cura e libertadora de todas as enfermidades e escravidões; faz-nos portadores da sua vida na nossa própria vida.

Para a missão, não precisamos de mais nada, a não ser de uma fé firme e confiada no Senhor que nos envia. A fé faz-nos olhar para as situações e para as pessoas com outros olhos, faz-nos descobrir em cada homem um irmão que necessita urgentemente da vida que nos confiaram.

É verdade que é o Senhor quem nos envia “como cordeiros para o meio dos lobos”, mas a fé faz-nos viver em confiança perante as dificuldades e os riscos, porque sabemos que Ele nos acompanha até ao fim (Mt 28, 20).

Se acreditarmos, veremos com espanto as maravilhas que Ele faz nas pessoas através da nossa pequenez e isso vai-nos encher de alegria.

Mas Jesus convida-nos a alegrarmo-nos por outro motivo: a raiz profunda da nossa alegria é Ele, é o sermos Seus amigos, seus enviados, em quem Ele confia e cujos nomes tem gravados no Seu coração.

Jesús
Dr. ABBA

# Olhar com o coração

Dt 30, 10-14

Sl 68, 14.17.30-37

Cl 1,15-20

Lc 10, 25-37

"Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: "Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar" Lc. 10, 33-35

" A lei está muito perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a praticares" Dt. 30, 14.

**Desde a Palavra de Deus e desde o Evangelho, podemos dizer alguma coisa à situação atual do nosso mundo e da nossa sociedade?**
**A fé, o acreditar, o olhar desde o coração com misericórdia faz-nos criativos e ativos, para encontrar soluções e respostas efetivas.**
**"Vamos orar para solucionar", não vamos virar as costas.**

s vezes, quando nos encontramos com as pessoas, não sabemos de que falar... Antes recorríamos sempre ao tempo: “faz frio, faz calor” e assim chegávamos ao 5º andar e saíamos do elevador contentes de chegar porque já não tínhamos mais tema… Agora não temos esse problema: com a crise, a falta de trabalho, a corrupção, a pouca capacidade dos políticos…temos muito para falar e ainda que estejamos a subir ao andar 50 não esgotamos a conversa!

Mas, não é falando uma e outra vez que coisas como estas se resolvem: é atuando. Olhar não basta, falar não basta… que podemos fazer? O quê?

No evangelho deste domingo há um homem muito interessado em parecer bom e justo e não duvida em perguntar a Jesus que é o que tem que fazer, como há-de amar o seu próximo. Jesus explica a forma de o fazer, falando-nos de três personagens que olham e vêem, mas esse olhar não é igual para todos. Dois deles olham só com os seus olhos e não desde o coração: não olham com misericórdia, não têm um olhar fraterno, não vêem com os olhos de Deus … o seu olhar não é de fé, os seus interesses e preocupações são outras e por isso rodeiam e vão embora. Se calhar têm muitas ocupações e preocupações e pensam que há-de ser outro a fazer.

Hoje, temos em muitos âmbitos uma sociedade doente, o coração de muitos homens bate com egoísmo, muitos sentimentos são negativos... Podemos ver a vida do mundo espancada à beira do caminho. Passamos ao largo? rodeamos, pensamos que são outros os que tem a solução? Olhamos para outro lado?

Se fazemos como no evangelho, olhar não é suficiente… nem tão pouco saber, nem sequer pensar que são outros, com mais meios e capacidades quem o tem que fazer.

A solução está em ser como o bom samaritano: ir ter com as pessoas, ou com o problema e começar a atuar, procurar as respostas e as soluções certas e aquelas que estão ao nosso alcance - que são sempre mais do que imaginamos. Só quando já não é possível fazer mais por minha conta é que procuro e confio noutra pessoa que o possa fazer, e dando sempre apoio até o fim.

Na primeira leitura do livro de Deuteronómio também está claro: " A lei está muito perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a praticares" Dt 30, 14.

No novo Testamento, Jesus concretiza essa lei: Amar ao teu próximo como eu amo, amar não só os amigos, amar como o bom samaritano... e São João também diz" Se não amas ao teu irmão a quem vês, como vais amar Deus a quem não vês"?

A solução é deixar que Jesus ative o nosso coração e assim olhar desde o amor e com amor.

## Só me salta o Teu amor

*Neste tempo descartável e sórdido*
*Onde nos tomam sempre por estúpidos…*
*Só me salva o Teu amor…*

*Só o refugio eterno da Tua Palavra*
*me salva deste mundo hipócrita*
*neste tempo bruto e maquiavélico,*
*onde um bilhete é o remédio mágico*
*Só me salva o Teu amor…*

*Perder tempo a falar de política,*
*Enquanto fecha outra fábrica…*
*Só me salva o Teu Amor …*

*Para o governo somos um simples número,*
*Que figura numa estatística,*
*Sempre classificados em último lugar.*
*Só o Teu Amor me salva …*

*Cfr. Canção de Ignacio Copani*

# A melhor parte

Gn 18, 1-10a

Sl 14 (15) 2-5

Cl 1, 24-28

Lc 10, 38-42

Jesus entrou numa povoação e uma mulher, de nome Marta, recebeu-O em sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, que, sentada aos pés do Senhor, escutava a Sua palavra. Marta, porém, andava atarefada com muitos serviços; e, aproximando-se, disse: «Senhor, não Te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar.» O Senhor respondeu-lhe: «Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas, mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.» (Lc 10, 38-42)

**Todos somos, à vez, "Marta" e "Maria".**
**Jesus chama-nos para estar com Ele e para nos enviar (cf. Mc 3, 13-14). Só estando com Ele recebemos a missão e a Vida que havemos de comunicar.**
**Jesus remete-nos para a eternidade: e a eternidade é estar sempre com Ele! Por isso, Ele diz que Maria escolheu "a melhor parte": escolheu o que é eterno.**
**Marta, que ficara muito indignada com a atitude da irmã, descobrirá, no diálogo com Jesus, que, afinal, há algo melhor do que aquilo que ela fazia – o que fez Maria: esteve com Jesus, descansou com Ele, desfrutou do encontro, saboreou as Suas palavras, aproveitou a Sua companhia…**
**E eu, quantas vezes remeto para depois a eternidade que me é oferecida agora?...**
**Felizmente, Ele não desiste!... E torna a convidar-me, dia a dia, a escolher "a melhor parte".**

As personagens desta passagem do Evangelho, Marta e Maria, são frequentemente apresentadas como imagens da vida ativa e da vida contemplativa, da ação e da oração.

Mas não se trata de uma alternativa: não é uma coisa ou a outra; é uma coisa e a outra. Todos somos, à vez, "Marta" e "Maria".

Jesus chama-nos para estar com Ele e para nos enviar (cf. Mc 3, 13-14). Só estando com Ele recebemos a missão e a Vida que havemos de comunicar. Só estando muito com Jesus podemos ir com Ele a todos os lugares e deixar que Ele venha connosco, caminhando lado a lado, como na estrada de Emaús, recebendo Dele o olhar sempre novo sobre a realidade, deixando que Ele nos faça "arder" o coração com a Sua Palavra.

Quando aqueles primeiros discípulos voltam para junto de Jesus, contentes por terem feito coisas extraordinárias, Ele centra-os no essencial: "Não vos alegreis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão escritos no Céu". (Lc 10, 20)

Jesus remete-os (e remete-nos) para a eternidade: e a eternidade é estar sempre com Ele!

Por isso, nesta leitura, Jesus diz que Maria escolheu "a melhor parte": escolheu o que é eterno.

Desta vez, ao rezar esta leitura, procurei fixar-me nos verbos: Jesus entrou/Marta recebeu-O; Maria escutava/ Marta andava [atarefada]; disse/ respondeu; Maria escolheu [a melhor parte].

Curioso: quando Jesus entrou em casa destas duas irmãs, foi Marta quem O recebeu; contudo, logo voltou aos seus afazeres, que ela achava certamente muito importantes. Entretanto, Maria sentara-se – aparentemente, sem fazer nada – e escutava Jesus. Marta fica tão indignada com a atitude da irmã, que exige a Jesus que a mande vir ajudá-la! E, depois, será no diálogo com Jesus que ela descobre que, afinal, há algo melhor do que aquilo que ela fazia.

Numa obra que li recentemente (Vasco Pinto de Magalhães, sj (2012). Só avança quem descansa. Coimbra: Tenacitas) – da qual se apresenta um excerto, mais à frente – o autor diz, com muita razão, que nós somos chamados ao descanso eterno (não ao trabalho eterno!).

"Que descanse em paz!" – dizemos quando alguém morre; para nós, cristãos, esse descanso é a vida eterna, o Céu. É para o Céu que fomos feitos, para a plenitude da vida com Deus. "Então, é melhor (e necessário) começar já, não só a preparar como a treinar!... Acho que estamos tão mal preparados para o Céu…" (p.46). E acrescenta: "O que nos descansa é encontrarmo-nos com quem nos ama." (p.48).

Foi o que fez Maria: esteve com Jesus, descansou com Ele, desfrutou do encontro, saboreou as Suas palavras, aproveitou a Sua companhia…

Como nos acontece quando namoramos ou quando estamos com a família ou com amigos. Mesmo que seja um tempo cansativo, sobretudo quando há crianças, se foi ocasião de alegria e de ternura, dá-nos paz, enche-nos o coração, traz ao quotidiano um pouco da eternidade, ajuda-nos a usufruir da "melhor parte".

Não sabemos quanto tempo Maria terá ficado sentada, a ouvir Jesus; fosse muito ou pouco, foi certamente aquilo a que hoje se chama “um tempo de qualidade”.

Também não sabemos que efeito terá causado em Marta aquela observação de Jesus “Marta, Marta, andas inquieta e perturbada…”. Mas – podemos imaginar – que ela corou, ficou atrapalhada, pensou “Que parva estou a ser!”, deu mais uma volta… e, depois, veio, sorrateiramente, instalar-se junto da irmã. E Jesus deve ter sorrido; até lhe deve ter estendido a mão, para a ajudar a sentar; e continuou a amena cavaqueira, agora a três.

Vejo que, também a mim, Jesus diz, muitas vezes “Andas inquieta e perturbada com muitas coisas…” ; que, também a mim, outras tantas vezes, Ele estende a mão, para me convidar a sentar e conversar… E há alturas em que aceito, outras em que respondo “Agora, não: tenho muito que fazer! Mais tarde…”. E Remeto para depois a eternidade que me é oferecida agora.

Felizmente, Ele não desiste!... E torna a convidar-me, dia a dia, a escolher “a melhor parte”.

Que este Verão possa ser um tempo de nos deixarmos interpelar por Jesus, que nos convida a estar com Ele, a descansar com Ele, a saborear com Ele a vida – e o amor, a alegria, o sossego ou o bulício, as pessoas, os lugares, os momentos e as oportunidades que as férias nos trazem.

## Estar inteiro no que faço

*Há uma outra coisa no Evangelho muito interessante que é aquela cena da visita e do encontro de Jesus em casa de Marta e de Maria. Muitas vezes á citada esta cena como expressão de equilíbrio na utilização do tempo.*

*Recordemos o quadro (Lc 10, 38-42): Marta a correr de um lado para o outro, a servir o chá, a ver o que falta, e não sabe muito bem quanta manteiga é que pode pôr nas torradas… ali anda ela, aflita. E, no outro canto da sala, Maria está sentada a olhar para Jesus, a ouvi-Lo… Coitada da Marta! E nós achamos sempre uma injustiça o comentário de Jesus. Mas não é. Jesus não lhe ralha por estar a trabalhar.*

*O que Jesus diz é isto: "Marta, Marta, estás dividida por muitas coisas…". O problema está ali.*

*Nós podemos fazer imensas coisas; mas divididos, a fazer e a olhar para o outro, a competir com ele, é que não. Essa é que é a questão!*

*Jesus teria advertido Maria, que estava ali a ouvi-Lo com toda a atenção, se ela O tivesse interrompido para dizer "Porque é que não dizes à Marta para vir para aqui, que aproveitava muito mais?". Jesus ter-lhe-ia dito certamente "Maria, Maria, estás dividida: ou estás aqui ou estás ali. Se o tempo dela é fazer aquilo, o chá ou seja o que for, seja! Se a tua escolha, o teu tempo de liberdade é estar aqui, está!"*

*Um grande segredo da gestão do tempo é estar inteiro naquilo que se faz. (…)*

*Devíamos fazer estas perguntas, que são fundamentais.*
*- Quando é que sou livre no uso do meu tempo?*
*- O que é que realmente me descansa?*
*- Quando descanso?*

Vasco Pinto de Magalhães, sj in Só avança quem descansa

# O olhar de Jesus

Gn 18, 20-32
Sl 137
Cl 2, 2-14
Lc 11, 1-13

Sucedeu que Jesus estava algures a orar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: «Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos.» Disse-lhes Ele: «Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; dá-nos o nosso pão de cada dia; perdoa os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixes cair em tentação.»
Disse-lhes ainda: «Se algum de vós tiver um amigo e for ter com ele a meio da noite e lhe disser: 'Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou agora de viagem e não tenho nada para lhe oferecer', e se ele lhe responder lá de dentro: 'Não me incomodes, a porta está fechada, eu e os meus filhos estamos deitados; não posso levantar-me para tos dar'. Eu vos digo: embora não se levante para lhos dar por ser seu amigo, ao menos, levantar-se-á, devido à impertinência dele, e dar-lhe-á tudo quanto precisar.» «Digo-vos, pois: Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á; porque todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra, e ao que bate, abrir-se-á. Qual o pai de entre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!» Lc 11, 1-13

**Com os olhos da Fé... com os olhos da Fé olhamos para a vida e para tudo o que nos acontece como Jesus olharia. É surpreendente como Jesus olhava para os outros e para o mundo que o rodeava. Sabemos que nalguns casos bastou olhar para uma pessoa para lhe mudar o coração. Como seria este olhar?**

O Senhor diz “pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate se abrirá”. (Lucas 11, 10-12).

Por vezes rezamos e pedimos para nos livrarmos de tal coisa. Por vezes rezamos e pedimos para entender outra tal coisa. por vezes rezamos e pedimos para ter capacidade para viver o que a vida nos traz de surpresa. Por vezes rezamos e parece que fica tudo na mesma... Mas, na verdade, o nosso coração por estar pertinho de Deus fica tão cheio de amor, do Seu Amor, da Sua sabedoria, da Sua misericódia que por muito que tudo continue igual nós já somos outros, nova criatura!

Com os olhos da Fé confiamos que o mal não tem a última palavra e que tudo o que nos acontece pode ser vivido no colo de Deus. Ninguém nos prometeu não sofrer... mas Jesus mostra, pela sua vida, que nunca estamos sozinhos mesmo quando parece que só ouvimos o silêncio, até mesmo o silêncio de Deus.

# Com olhos de ESPERANÇA

"A esperança leva-nos à meta." Ésquilo

No domingo passado, tive a sorte de correr a minha primeira meia maratona. São 21km e o meu objectivo, para além de chegar ao fim sã e salva, era tirar partido da corrida. À medida que corria, sentia sede, fraqueza, dores leves ou dores fortes nos joelhos, desânimo ao ver os quilómetros a passar devagar, o coração a bater mais do que devia… mas passava por outros corredores, uns com a respiração muito ofegante mas sem desistir, outros a andar ou agarrados a um joelho ou uma perna por não aguentarem as dores, pessoas de todas as idades, um rapaz com 100kg que arrastava os pés por não aguentar o peso… e eu, ao ver todos aqueles corajosos, sentia uma força dentro de mim que me ajudava a não pensar nos joelhos ou no desânimo.

Sem dúvida que “a esperança nos leva à meta”! Quando queremos chegar à meta, acreditamos que é possível e pomos os meios para lá chegar!

Pode ter acontecido que algumas das pessoas, por quem passei, que estavam com falta de ar ou dores fortes não tenham conseguido chegar à meta… mas o facto de se terem dado ao trabalho de ir correr naquele dia, de acreditarem que conseguiam, já os torna vencedores!

Sim, a vida tem imensas barreiras, obstáculos, buracos e dificuldades sem fim, mas o que faz de cada um de nós vencedor, é termos esperança, é termos fé, é acreditarmos que ainda que “melhores dias” NÃO venham, o amor e o esforço que pusermos em tudo o que nos fôr dado viver, faz de nós “campeões”!

Há uns anos, numa conversa com uma amiga que estava, na altura, a passar por grandes dificuldades, disse-lhe o que pensava ser um bom "conselho":

- Deixa lá, pensa positivo, melhores dias virão! - Ao que ela me respondeu:

- Isso era o que pensava antes de me acontecer isto, e depois aquilo e ainda mais isto… agora já não tenho esperança que nada de bom me aconteça!

Aquela conversa marcou-me. Senti-me do tamanho de uma ervilha e incapaz de trazer consolo a alguém… Realmente a vida pode ser uma sucessão de azares e por isso a esperança não pode assentar na convicção de que tudo se há-de resolver…

Mas então como pensar, o que pedir ao Senhor? Não é Deus todo poderoso e milagreiro?

"A realidade, vendo bem, não é boa nem má, o bom e o mau são o que a gente faz com a realidade. As pessoas classificam logo os acontecimentos e os sentimentos de bons ou maus. Mas de tudo se pode tirar bem." diz o Padre Vasco Pinto Magalhães em Onde Há Crise Há Esperança.

"Uma grande tentação nossa é a de absolutizar. Pegar num acontecimento negativo e dizer: «é tudo assim». Olhar um problema sério e não ser capaz de ver mais nada para além disso. Absolutizar cega e escraviza. O caminho é, pois, o de relativizar, não tirar do contexto, ver também o resto dos acontecimentos e, depois, relacionar com outras exigências. Relativizar e relacionar. Começa aí o caminho de paz." diz ainda o Padre Vasco em  Não Há Soluções, Há Caminhos.

“Não perguntes porquê, mas para quê” e verás que a entrega, o amor e o carinho que puseres nos mais pequenos pormenores e também nas maiores decisões da tua vida, farão de ti um campeão, um verdadeiro “corredor”, alguém que se pode orgulhar de não “caminhar a passo” porque em cada dia se propõe correr para a meta que é a própria VIDA!

Este grande desafio sem a ajuda de Deus é difícil, mas com a força de Quem pode mais do que nós, vale a pena!!!

# Como quantificar uma esmola

Co (Ecl) 1, 2; 2, 21-23

Sl 89 (90)

Col 3, 1-5. 9-11

Lc 12, 13-21

"Dentre a multidão, alguém lhe disse: «Mestre, diz a meu irmão que reparta a herança comigo.» Ele respondeu-lhe: «Homem, quem me nomeou juiz ou encarregado das vossas partilhas?» E prosseguiu: «Olhai, guardai-vos de toda a ganância, porque, mesmo que um homem viva na abundância, a sua vida não depende dos seus bens.» Disse-lhes, então, esta parábola: «Havia um homem rico, a quem as terras deram uma grande colheita. E pôs-se a discorrer, dizendo consigo: 'Que hei-de fazer, uma vez que não tenho onde guardar a minha colheita?' Depois continuou: 'Já sei o que vou fazer: deito abaixo os meus celeiros, construo uns maiores e guardarei lá o meu trigo e todos os meus bens. Depois, direi a mim mesmo: Tens muitos bens em depósito para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te.' Deus, porém, disse-lhe: 'Insensato! Nesta mesma noite, vai ser reclamada a tua vida; e o que acumulaste para quem será?' Assim acontecerá ao que amontoa para si, e não é rico em relação a Deus.»" Lc 12, 13-21

**Podemos dar por hábito, por ostentação ou porque temos sincera vontade de ajudar. Desejaríamos fazê-lo com um amor semelhante ao que Jesus tinha pelos seus amigos.**
**Na medida em que cada um de nós vá conversando com o Senhor poderemos escutar no nosso coração como podemos partilhar os dons que nos são dados para que o mundo seja melhor e mais fraterno.**

Aprendi há pouco tempo que, na Bíblia, nos anos jubilares (50) havia o costume de se redistribuirem as propriedades, ou seja, conforme as pessoas tivessem empobrecido ou enriquecido durante 49 anos, havia uma redistribuição da terra por forma a repôr a igualdade da propriedade.

Ao ler esta leitura, lembrei-me desta redistribuição e pensei se, eventualmente, a questão deste homem não fosse, por ventura, normal no contexto em que se vivia na época...

No entanto, repartir uma herança, dar parte daquilo que recebi e à qual tenho direito, é uma questão de fácil "digestão"...?

Quem vai à rua ajudar na distribuição de alimentos e bens aos sem abrigo e, hoje em dia, aos com abrigo mas sem dinheiro para comprar comida nem outros bens necessários, sabe a facilidade com que quem precisa, pede!

Quem tem fome, não se inibe de pedir comida, a menos que nunca o tenha feito e, nesse caso, vemos o olhar fixo no chão de quem precisa mas tem vergonha porque nunca pediu...

Mas no caso de quem já anda nas "carrinhas" e na rua há muito tempo, no desespero de garantir que conseguem uma sandwich, as pessoas atropelam-se, discutem e suplicam!

E no entanto, não se vê ninguém a levar para casa roupa que não lhe sirva, sapatos ainda grandes para os filhos... vemos uns a chamar por outros porque vêm alguma coisa de que o outro precisa mas como não está ali, ainda lhe foge...

Lembro-me do meu avô dizer "que seria dos pobres se não fossem os pobres"... não é que seja totalmente verdade

porque há ricos que ajudam muitíssimo os pobres, mas é verdade que tem pouco, não armazena, tem compaixão de quem tem ainda menos e, se fôr preciso, partilha o pouco que tem...

Nesta leitura, Jesus é extremamente misericordioso ao não tomar partido da partilha (ou não) da herança mas é muito claro ao afirmar, na parábola, que a única riqueza que salva e liberta, é a abundância na proximidade e na amizade com Deus.

Talvez seja difícil quantificar dar mais ou dar menos daquilo que se tem, seja dinheiro, tempo ou dedicação, mas na medida em que cada um de nós vá conversando com o Senhor para discernir de que forma pode redistribuir as "riquezas" que lhe são dadas viver com aqueles que precisam, o mundo será seguramente um lugar mais justo e igualitário!

## A esmola

*O Antigo Testamento ensinava que a conversão e o perdão dos pecados se merecem através da oração, do jejum e da esmola.*

*Houve tempo em que as pessoas pensavam que a esmola consistia em dar algumas moedas aos pobres. Digamos antes que a esmola consiste em dar algo de significativo a um irmão que está carente. Podemos dar dinheiro, tempo, carinho, paciência, … Podemos dar por hábito, por ostentação ou porque temos sincera vontade de ajudar. Desejaríamos fazê-lo com um amor semelhante ao que Jesus tinha por todos. Por outro lado, há os pobres que não têm dinheiro que chegue para uma vida normal; há os que por isso passam fome e frio, não podem comprar os medicamentos de que precisam; há os doentes que não conseguem tratar-se; há os idosos; há os que se encontram sós; há os que se meteram em situações difíceis e estão à beira do desespero…*

*Claro que não podemos ajudar todos os que precisam. Mas isso não pode servir de pretexto para não ajudarmos ninguém. Importa igualmente não pensar que a responsabilidade pertence apenas ao Estado. Nunca o Estado conseguiu ajudar todos os pobres; e, ainda que alguma vez consiga resolver as dificuldades materiais, os pobres precisam de calor humano, que nem sempre os serviços conseguem dar.*

*Se em cada ano nos sobeja dinheiro, era bom que gastássemos dinheiro com os pobres. É talvez exagero dizer – como disseram alguns escritores dos primeiros tempos do cristianismo – que aquilo que nos sobeja não é nosso, é dos pobres. Mas é um exagero muito mais grave pensar que aquilo que é meu, é meu, posso usá-lo e estragá-lo como quiser. Além disso, quer nos sobeje, quer não nos sobeje dinheiro, pode ser que tenhamos tempo e paciência para dar.*

*É um erro pensar apenas nos nossos, é outro erro ajudar os de fora e não pensar naqueles que pertencem à nossa vida. Às vezes, são esses mais próximos que morrem à míngua da "esmola" do nosso carinho, da nossa atenção, do nosso amor. Os pais, os sogros, os avós, os tios… e às vezes, o marido ou a mulher e os filhos. Na Igreja houve sempre almas benfazejas que se esqueceram das obrigações com a sua casa e os seus.*

*Hoje, a questão da partilha adquiriu uma nova dimensão. Antigamente só sabíamos dos pobres à nossa volta e só esses poderíamos ajudar. Hoje, "vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar" que a Terra tem 6000 milhões de habitantes; que 40%, isto é, 2500 milhões, vivem com 2 euros por dia; 20%, isto é, 1200 milhões, com 1 euro por dia; como consequência, todos os anos morrem à fome 30 milhões de pessoas. Por outro lado, há no mundo riqueza e alimentos suficientes para vencer esta miséria, seria possível fazer infinitamente mais do que se faz. Mas os povos da*

*riqueza (menos de 10% da humanidade) preferem gastar somas enormes em armamento, em divertimentos e num consumo supérfluo. Pior, a desigualdade entre os mais ricos e os mais pobres acentua-se de ano para ano. As grandes multinacionais possuem legiões de funcionários bem pagos cuja função é descobrir e realizar processos para enriquecer mais e mais a empresa, à custa naturalmente do indefeso mundo dos pobres. Cada um de nós pensa que tem pena, mas não tem culpa. Será que não temos? Era preciso que alguém – porventura o Papa, os Bispos, as Nações Unidas – gizassem processos para atalhar esta injustiça, mesmo que à custa de grandes sacrifícios , por exemplo um grande imposto sobre os ricos e sobre os remediados. Estaríamos dispostos a aceitar? E será que costumamos erguer a voz a favor da justiça nos cargos que ocupamos, nas empresas, nos partidos, na própria Igreja?*

P. João Resina, Março 2002

# A certeza daquilo que não se vê

Sb 18, 6-9
Sl 32
Heb 11, 1-2. 8-19
Lc 12, 32-48

A fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem.
Pela fé, Abraão, ao ser chamado, obedeceu e partiu para um lugar que havia de receber como herança; partiu sem saber para onde ia. Pela fé, estabeleceu-se como estrangeiro na Terra Prometida, habitando em tendas, tal como Isaac e Jacob, co-herdeiros da mesma promessa, pois esperava a cidade bem alicerçada, cujo arquitecto e construtor é o próprio Deus. (Heb 11, 1-19; excertos)

**Hoje vivemos numa sociedade em que se valoriza muito aquilo que se vê.**
**Aquilo que não se vê fica para segundo plano. E, no entanto, sabemos e dizemos que isso é o mais importante! E isto também acontece com a vida espiritual: damos mais importância ao agir do que a o confiar, ao fazer do que a deixar que Deus faça.**
**Abraão é daqueles exemplos de fé para os quais temos de olhar uma e outra e outra vez…e sempre descobriremos qualquer coisa que nos serve para a nossa vida.**
**E não foi só Abraão, ainda que ele tenha sido o primeiro: foram todos os outros de que a Bíblia nos fala e que a História nos apresenta, milhares e milhares de homens e mulheres, que, ao longo de milénios acreditaram, confiaram, depositaram toda a sua esperança num Deus fiel, num Deus a Quem "nada é impossível".**

Hoje vivemos numa sociedade em que se valoriza muito aquilo que se vê: a aparência física, a juventude, a moda, o estatuto social, o prestígio, o reconhecimento profissional, o dinheiro, … Aquilo que não se vê fica para segundo plano. E, no entanto, sabemos e dizemos que isso é o mais importante! Não se vê a amizade, nem o amor, nem o cuidado pelos outros; não se vê a solidariedade ou a ternura. E também não se vê a tristeza, nem a angústia, nem o medo, nem a solidão…

Todos conhecemos aquela frase "Só se vê bem com o coração: o essencial é invisível para os olhos". (1) Mas vivemos a contradição: concordamos com o princípio, mas não é de acordo com ele que vivemos – valorizamos outras coisas, o que se vê.

E isto também acontece com a vida espiritual: damos mais importância ao agir do que a o confiar, ao fazer do que a deixar que Deus faça.

Abraão é daqueles exemplos de fé para os quais temos de olhar uma e outra e outra vez…e sempre descobriremos qualquer coisa que nos serve para a nossa vida, para situações que estamos a viver, ou para a vida de outros, que poderemos ajudar.

Reparem nos pormenores do texto: merece ser lido devagar, saboreado, conversado com Deus, para que Ele nos dê a capacidade de, nos momentos certos, termos a resposta certa – aquela que pode não ser a mais evidente, aquela que até pode ser a mais contrária ao que seria "normal", aquela que "não se vê" facilmente… A da fé, afinal.

Abraão,

- “foi chamado, obedeceu e partiu”; “partiu sem saber para onde ia” ;

- “para um lugar que havia de receber como herança”; (mas ele não sabia que “havia de receber”, nem que “herança” era essa);

- “estabeleceu-se como estrangeiro na Terra Prometida” (também nós, somos tantas vezes estrangeiros na “Terra Prometida”! Recebemos, dia a dia, tantos dons aos quais damos pouco valor, não vivemos como filhos, como herdeiros da promessa; fazemo-nos estrangeiros da vida: aqueles que estão de passagem, que não sentem a terra como sua e, portanto, não investem nela);

- “habitando em tendas (…)”, mas esperando “a cidade bem alicerçada” (isto é que é o viver da fé, daquilo que não se vê: se eu moro numa tenda, como é que vou acreditar que poderei, em algum tempo, viver numa casa, numa “a cidade bem alicerçada”?... E não falo da vida eterna, daquilo que, acreditamos, um dia, nos espera: falo do “já”, do “agora”, da vida que pode ser melhor, mais feliz, mais tranquila, mais sólida, mais “edificada”. Ainda que, por momentos ou circunstâncias, vivamos nas tendas da incerteza, da fragilidade, da desconfiança ou de ceticismo, aquilo que somos chamados é a ver a realidade com os olhos da fé);

- “cujo arquitecto e construtor é o próprio Deus.” (Esta é que é a questão que mais mexe com as nossas pretensões de autonomia! Nós queremos decidir e fazer tudo sozinhos! A capacidade de entregar, de deixar que as coisas nos “fujam” das mãos, de aceitarmos aparentemente perder, de largarmos as seguranças, de não controlarmos … isso é que é o mais difícil! Mas – repito – é isso que é viver da fé; é isso uma relação confiante com Deus);

E Sara?... Sara "considerou fiel Aquele que lho tinha prometido" (Pois, esse é o segredo: Deus é fiel, Deus não falha, Deus – não é como nós… – cumpre sempre as Suas promessas. Deus é o único a quem, sem medo, sem nenhum receio de que Ele possa faltar-nos, podemos entregar a vida.

"Por isso, de um só homem (…) nasceu uma multidão tão numerosa como as estrelas do céu e incontável como a areia da beira-mar".

Nenhum de nós consegue imaginar a riqueza infinita da sua fé; nenhum de nós vislumbra, sequer, onde a fé o pode levar. Mas Deus e a Igreja (pela liturgia e pelas propostas de oração) põem constantemente diante de nós estas pessoas que confiaram inabalavelmente num Deus que não viam, mas que conheciam!

E não foi só Abraão, ainda que ele tenha sido o primeiro: foram todos os outros de que a Bíblia nos fala e que a História nos apresenta, milhares e milhares de homens e mulheres, que, ao longo de milénios acreditaram, confiaram, depositaram toda a sua esperança num Deus fiel.

Rezemos este texto com Maria: Ela, que também não percebia tudo, que também questionou as situações, que quis saber o "como"; Ela, que aprendeu a ver com os olhos do coração (onde "guardava todas as coisas"), nos ensine a ter fé, a ver o invisível, a acreditar que, como o anjo lhe disse, "a Deus nada é impossível".

(1) Antoine de Saint-Exupéry, O principezinho.

# Apóstolo do amor de Deus

Jr 38, 4-6. 8-10;

Sl 39 (40), 2-3. 4. 18

Heb 12, 1-4

Lc 12, 49-53

Ó rei, meu senhor, estes homens procederam mal contra o profeta Jeremias, metendo-o na cisterna. Ele vai certamente morrer de fome, porque já não há mais pão na cidade. Jer 38 - 9

Tirou-me dum poço fatal, dum charco de lodo; assentou os meus pés sobre a rocha e deu firmeza aos meus passos. (…) Muitos, ao verem isto, hão-de comover-se, hão-de pôr a sua confiança no SENHOR. Sl 40 - 3

Deste modo, também nós, circundados como estamos de tal nuvem de testemunhas, deixando de lado todo o impedimento e todo o pecado, corramos com perseverança a prova que nos é proposta. Hebr 12, 1

Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado! Lc 12, 49

**A melhor forma de ser um bom apóstolo é viver uma vida orante, de coração aberto a Deus e às pequenas missões "quotidianas" que Ele nos propõe.**
**Que saibamos sempre levantar o olhar e estar atentos para ver aqueles para quem podemos ser testemunhas vivas do amor de Deus!**

Nem sempre é fácil manter-me "católica" nos dias de hoje. Tantos que não compreendem o dom da fé, que não reconhecem a graça de se ser filho de Deus, tantos que não estão dispostos a sequer experimentar... Sempre procurei arranjar criatividade para levar Deus aos outros, mas muitas vezes me senti frustrada... Até que um dia tive uma conversa com uma das missionárias, há tantos anos atrás, mas foram palavras que me marcarão para o resto da minha vida: "A melhor forma de te tornares num bom apóstolo (testemunha do amor de Deus) é apenas viveres a tua vida de coração aberto para Ele! As pessoas inevitavelmente irão questionar-se de onde é que vem essa tua enorme força para enfrentar todos os problemas da vida sem nunca deixares de sorrir, e aí sim começará a tua pregação" E, de facto, descobri a beleza da verdade tão simples desta afirmação: quem experimenta o amor de Deus aprenderá a crer que nada é impossível e, quando sentir que não tem mais força para continuar, Ele nos dará uma força extra e em nós permanecerá sempre!

E esta realidade é quase que como um mantra para mim... É por isso que, por muito que seja inconveniente ser uma testemunha viva do meu Pai querido nos dias de hoje, por muito que me assuste assumir as pequenas missões quotidianas que Ele me propõe, nas coisas pequenas eu reconheço a recompensa e dou graças por receber tão mais do que dou e pela pura felicidade que sinto por nunca mais na vida sentir que estou sozinha.

Dá-me também imensa força e esperança ler a sua palavra viva na Bíblia, pois ajuda-me sempre a reconhecer as pessoas e situações que Ele vai colocando na minha vida, continuadamente… pessoas não indiferentes aos meus problemas, pessoas capazes de conviver e amar tudo o que

sou e que tenho para dar, oportunidades diárias que me permitem fazer o correto e ser feliz. Nunca deixes de levantar os olhos à tua volta para ver a quem podes "ser testemunha viva do amor" aos outros!

• A quem hoje tentaste ajudar a "sair do poço"? Tens tentado ser a "boa nova" do Senhor para os outros?

• Sentes que o amor do Pai te impele a seres mais feliz do que alguma vez imaginaste?

• "corramos com perseverança a prova que nos é proposta" – escutas as pequenas missões quotidianas que o Pai te convida a cumprir? Sentes o fogo da Paixão de Deus quando o fazes?

*"Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.*
*Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós."*

**Antoine de Saint-Exupéry**

# Procurar a porta estreita com olhos de esperança

Is 66, 18-21; Sl 117 (116), 1-2

«Eu virei, a fim de reunir todas as nações (…) Porei um sinal no meio deles e enviarei sobreviventes dentre eles às nações (…)» (Is 66, 18.19)

Heb 12, 5-7.11-13

«Pois seu amor por nós é forte, e sua verdade é para sempre!» (Sl 117, 2)

Lc 13, 22-30

"Toda a educação, com efeito, no momento não parece motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, no entanto, produz naqueles que assim foram exercitados um fruto de paz e de justiça" (Heb 12, 11)

"Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque Eu vos digo que muitos tentarão entrar sem conseguir" (Lc 13, 24)

**Por que caminho devo seguir? O que tenho que fazer para conseguir entrar pela "porta estreita"? O que ainda tenho que aprender? Num mundo ao mesmo tempo único e muito dividido (basta olhar para Portugal), que sinais de união existem hoje? E onde somos nós, sobreviventes, enviados?**

O amor é o caminho longo e sem final" diz o cântico. Ainda por cima a passagem é estreita. Lembro-me de umas férias no Gerês, metemos por uma estrada florestal, tipo Rally de Portugal, com uma parede de pedra de um lado e uma ravina cheia de árvores do outro; nunca cabiam dois carros, às vezes mal passava um… Seguíamos devagar, com receio do que estaria após a próxima curva. Tentar passar pela porta estreita requer paciência, cuidado e, pelo que nos diz o próprio Jesus, esforço.

Em tempo de verão e férias, falar em esforço parece tolice. Mas o que é que nesta vida conseguimos de bom sem esforço? É até um bom tempo para procurar o caminho certo e tentar entrar na porta estreita.

Tentar. Um trabalho difícil, que sentimos que não somos capazes de fazer ou para o qual até somos alertados da sua dificuldade requer que se tente pacientemente. Quando a minha filha mais nova me pede para lhe desenhar uma "princesa com um vestido" ou um "cavalo a saltar", mas a mim só me sai uma "monstrinha com uma serapilheira" ou um "quadrúpede não identificado", e acabo por me desculpar que não consigo fazer melhor, ela responde: "Tenta!", parecendo confiar que as minhas parcas capacidades artísticas melhorem com a experiência.

É que tentar não significa automaticamente conseguir. Nem por sombras! Tentar é apenas concentrar-se no objetivo, não desistir, insistir, tentar novas opções, novas possibilidades. Tentar é olhar o desafio com olhos de esperança. Com muito esforço e perseverança talvez sejamos premiados com o alcançar do objetivo.

• De que preciso para conseguir entrar pela “porta estreita”?

• Em que situações concretas preciso de reforçar a esperança e voltar a tentar?

• Que estratégias necessito mudar para que o meu esforço possa frutificar?

A aprendizagem nem sempre é um processo saboroso. Basta lembrar-me dos anos que passei no Técnico para me vir à memória um conjunto de exemplos. Passados tantos anos, já consigo rir dos momentos mais áridos e difíceis. E lembro-me de ter esperança que valesse a pena o esforço. Afinal aprender não é um objetivo em si mesmo, mas um caminho para darmos mais frutos.

Nós os sobreviventes, ou seja, os convertidos, somos enviados. Onde Senhor? Será que queres que restauremos a unidade do Mundo? Será essa a mais urgente missão do momento? Concretamente, como o faremos?

Alguma vez viram imagens de dentro de um carro de rally? Hoje em dia é fácil ir ao “you tube” e procurar por imagens a bordo dos grandes campeões mundiais. As ravinas e as pedras são ainda mais assustadoras do que nos nossos passeios de verão pois tudo se passa muito depressa. Mas nas mãos do piloto certo, aceleramos pelo caminho estreito em direção à meta. Só tendo Jesus como nosso piloto conseguiremos ultrapassar o medo de avançar “prego a fundo” pelos caminhos sinuosos e surpreendentes da vida e, finalmente entrar pela porta estreita.

## O AMOR É O NOSSO CANTO

*O amor é a palavra limpa que faz viver,*
*é o fruto da terra fecunda e do sofrer,*
*é dizer ao irmão mais pobre, tu não estás só;*
*Não deixes que passe o teu tempo em vão.*

*O AMOR É O NOSSO CANTO*
*À VIDA QUE SE ENTREGA,*
*E QUE ESPERA O AMANHECER NA VERDADE.*

*O amor é o presente eterno que Deus nos dá,*
*é viver com o coração aberto e é perdão,*
*é a fé e a esperança firme do mais além;*
*Não deixes que passe o teu tempo em vão.*

*O amor é o caminho longo e sem final,*
*é a luz que ilumina a sombra na escuridão,*
*é a vida que nos dá mais uma oportunidade;*
*Não deixes que passe o teu tempo em vão.*

Cancioneiro Verbum Dei Lisboa

# OLHAR O MUNDO COM OS OLHOS DO AMOR

O Amor dá trabalho!

Estamos habituados a que tudo na nossa vida nos absorva, nos dê trabalho, mas não o amor…

O amor não é valorizado;

O amor tem de ser perseverante… é gratuito, mas não é espontâneo… quantas vezes, mesmo sem querer ou sem ser consciente, condicionamos o amor ao gostar, ao humor com que acordamos cada manhã, a outras tantas coisas!

Quando o Senhor nos convida a amar os outros, o que entendemos que nos está a convidar?

No passado domingo estive presente na reunião de pais da catequese e a pessoa responsável estava a partilhar a sua oração, como a faz, como partilha o seu dia com o Senhor e eu pensava que realmente, ela é uma pessoa que faz com que a sua oração oriente a sua vida e partilha com o Senhor todos os aspetos da sua vida, mesmo os laborais, mesmo os aborrecidos, mesmo aqueles que aparentemente nada têm a ver com a fé.

E eu? Como partilho a minha vida com o Senhor? Como acolho os desafios que Ele me lança? Deixo que toda a minha vida seja "contaminada" pelo Seu amor? Pelo seu perdão? Pelo Seu olhar?

Estou a ter formação em mediação familiar e ao contrário do que pensei quando me inscrevi, este curso tem-me chocado bastante: realmente, as famílias estão doentes! Nós estamos doentes! Quando optamos pela nossa família, fazemo-lo por

nós ou pelos nossos filhos?

Até que ponto nos deixamos impregnar pelo egoísmo que reina à nossa volta, quando tantas vezes não perdoamos aos nossos filhos, aos nossos pais, ao nosso marido? Quantas vezes mascaramos o nosso egoísmo afirmando que esta ou aquela opção são o melhor para a minha família? São melhor para eles ou para nós? Vemos casais zangados, usando os filhos contra o outro… mas realmente o que está em causa? O interesse dos filhos ou o meu interesse, a minha frustração? O meu medo? O que é optar pelo amor de Deus?

O amor de Deus, tal como nos é dado, é um amor exigente, trabalhoso, árduo e sobretudo diário!

Pediam-nos naquela reunião da catequese que habituássemos os nossos filhos, quando se levantam de manhã, a agradecer o dia que começa a Deus, a dizer-Lhe "bom dia Senhor", "bom dia Jesus"… realmente, quantas vezes fazemos isso? Desde que foi falado, confesso que penso muitas vezes em fazê-lo, mas no meio da pressa da manhã ainda nunca o concretizei: mas realmente, não mudaria o meu dia? Não tornaria o Senhor mais presente na minha vida, como tanto anseio? Tenho a certeza que sim.

Aproveitemos o verão, os dias longos para descobrir como podemos tornar o Senhor mais presente, mais próximo.

Ensina-me Senhor a ter gestos de amor diários, a olhar o mundo com os Teus olhos, fazendo-te presença e presente na minha vida, nas minhas opções, nas minhas quedas, nos meus recomeços, pois isso certamente mudará o meu coração e assim estarás mais presente em todos aqueles com quem me cruzo.

# Fazei tudo com amor!

Ecl 3,17-20.27-28

Sl 68

Hbr 12,18-19.22-24

Lc 14,1.7-14

Aconteceu que, num dia de sábado, Jesus foi comer na casa de um dos chefes dos fariseus.Jesus notou como os convidados escolhiam os primeiros lugares. Então contou-lhes uma parábola:
"Quando tu fores convidado para uma festa de casamento, não ocupes o primeiro lugar. Pode ser que tenha sido convidado alguém mais importante do que tu, e o dono da casa, que convidou os dois, venha te dizer: 'Dá o lugar a ele'. Então tu ficarás envergonhado e irás ocupar o último lugar. Mas, quando tu fores convidado, vai sentar-te no último lugar. Assim, quando chegar quem te convidou, te dirá: 'Amigo, vem mais para cima'. E isto vai ser uma honra para ti diante de todos os convidados. Porque quem se eleva, será humilhado e quem se humilha, será elevado". E disse também a quem o tinha convidado: "Quando tu deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos ricos. Pois estes poderiam também convidar-te e isto já seria a tua recompensa. Pelo contrário, quando deres uma festa, convida os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos. Então tu serás feliz! Porque eles não te podem retribuir. Tu receberás a recompensa na ressurreição dos justos". Lc 14,1.7-14

**O Senhor desafia-nos a viver no amor – em todos os âmbitos da nossa vida, em tudo o que fazemos!**
**Quais as nossas motivações mais profundas? Com que intencionalidade vivemos e nos relacionamos com os outros: família, amigos, colegas....**

Chamava-me à atenção logo a primeira frase da 1ª leitura “realiza os teus trabalhos com mansidão” (noutras traduções diz com “doçura”) ”e serás amado mais do que um homem generoso”. A primeira tentação foi a de não entender. Ser um homem generoso é uma coisa boa! Mas depois entendia que, mais importante do que o que fazemos, é como o fazemos e isso fazia-me recordar a leitura de 1ªcor13 “Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita.“

Assim, sentia o convite do Senhor a que tudo o que faça seja com amor! Assim, creio que é importante não só o que fazemos, mas como o fazemos e para quê o fazemos? Com que intencionalidade? Poderá ser importante questionarmo-nos…

“Na medida em que fores grande, deverás praticar a humildade”, ou seja, é na mesma medida, isto é, quanto maior eu for, maior humildade devo ter. E porquê? Porque é que é tão importante a humildade na relação com o Senhor? Quem não é humilde acha que já sabe tudo e quem já sabe tudo não se abre à escuta do Senhor e do outro..

No evangelho, Jesus volta a falar de humildade…e eu pensava porque é que para nós às vezes é tão importante sermos “grandes” aos olhos dos outros? Essa necessidade surge quando não nos amamos e valorizamos o suficiente, quando não estamos suficientemente bem na nossa pele e desejamos ser valorizados e amados. Contudo, se experimentamos o olhar de amor de Deus, se deixamos que esse olhar nos devolva a nossa dignidade e nos olhamos com o Seu olhar, então serenamos, sabemos o nosso valor e o

que os outros digam não tem o mesmo peso e pode ser lido apenas desde o olhar de retirar daí o que me pode ajudar a construir.

Os olhares dos outros são tão irregulares e díspares… Como se costuma dizer: “é impossivel agradar a gregos e troianos”. Para algumas pessoas, uns dias nós somos o máximo e noutros somos o pior. Mas se estamos serenos, se nos olhamos com esse olhar de Deus, o nosso valor é sempre o mesmo.

No evangelho, o Senhor ainda vai mais longe: convida-nos a um amor gratuito, livre, desinteressado: e para que não nos enganemos: dar a quem não nos possa retribuir, que como a leitura enumera, eram os que mais necessitavam… e noutro plano, os mais necesssitados podem ser aqueles que não sabem amar. E não é fácil amar quem não sabe amar!

Vejo tantas vezes as pessoas centradas em si e a reclamar o amor que não lhes é dado e que sentem que lhes era devido! … mas a verdade é que só se pode dar gratuitamente (sem cobrar) o que se tem, quando temos o coração cheio em Deus.

Também me chamava à atenção a liberdade de Jesus. Convidam-no para um jantar e Jesus diz-lhe que ele tinha era de convidar os que não podem retribuir… Jesus não cala, não se preocupa com o que vão pensar dele e aproveita cada momento e circunstância para fazer os outros crescerem, irem mais longe… Eu, pelo contrário, estou sempre a arranjar desculpas para calar, por achar que não é oportuno.

Senhor que saibamos deixarmo-nos olhar por Ti,que nos saibamos deixar amar por Ti para que possamos viver com a mesma humildade, gratuidade, liberdade e intencionalidade com que viveste.

## Ser filho de Deus

*"Ser filho de Deus é a tua verdadeira identidade, que deves aceitar. Podes receber o elogio e a censura que vêm ao teu encontro como uma oportunidade para fortalecer a tua identidade básica, porque a identidade que te torna livre enraiza para além de todo o elogio ou censuras humanas. Pertences a Deus e é como filho de Deus que és enviado ao mundo. Precisas de pessoas que te mantenham ancorado à tua verdadeira identidade. A tentação de te desligares desse ponto profundo onde Deus habita e de te deixares abafar pelo louvor ou pela censura do mundo está sempre presente. Só Deus pode habitar esse lugar profundo e dar-te uma sensação de segurança. Mas o perigo permanece, se deixares outros roubarem-te o teu centro sagrado, o que te mergulhará na angústia. Capacitando-te de quem verdadeiramente és - um filho de Deus- aí reside a tua verdadeira liberdade.*

*Os discípulos de Jesus tinham uma sensação real da sua presença amorosa quando saíam a pregar. Tinham-no visto, comido com Ele e conversado com Ele após a sua ressurreição. Já viviam em profunda relação com Ele e dela retiravam a força para proclamar com simplicidade e sem rodeios,sem receio de serem mal entendidos e desprezados. Quanto melhor te conheceres como verdadeiramente amado, mais livre te sentirás para proclamar a Boa Nova. Esta é a liberdade dos filhos de Deus."*

(Henri Nowen)

# Amor radical

Sab 9, 13-18b
Sl 89(90)
Flm 9b-10. 12-17

Pois que homem poderia conhecer a vontade de Deus? Quem poderá imaginar o que pretende o Senhor? Os pensamentos dos mortais são hesitantes, e incertas as nossas reflexões; E quem conhecerá a tua vontade, se não lhe deres a sabedoria, e não enviares o teu santo espírito lá do Céu? Sab 9, 13

Lc 14, 25-33

Seguiam com ele grandes multidões; e Jesus, voltando-se para elas, disse-lhes: «Se alguém vem ter comigo e não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo. Assim, qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.» Lc 14, 25

**Hoje somos convidados a olhar e contemplar a forma como Jesus viveu e amou e conversar com Ele sobre o que quer de nós, o que quer para nós. Não como exigência, não como obrigação, mas sim deixar que nos mostre o seu olhar sobre nós. O olhar de Alguém que nos ama desde o princípio e que nunca deixará de amar. Alguém que sabe o que mora no mais íntimo dos nossos corações. Alguém que sabe, melhor que nós mesmos, aquilo que precisamos para vivermos a vida plena, cheia e feliz, para a qual fomos sonhados e criados.**

Ao rezar as leituras que a Igreja nos propõe neste Domingo, sinto-me quase chocada com a radicalidade de Jesus.

O meu olhar humano, que sozinho não alcança mais que a superfície, quase se revolta com a aparente exigência egoísta de "se não me amares mais que aos outros, não poderás fazer parte do meu grupo de amigos, de companheiros, de irmãos".

Mas, como nos sugere a 1ª leitura de hoje, peço ao Espírito Santo que me ajude, me esclareça, me explique aquilo que me parece tão longe da compreensão. Sinto a sua voz suave no meu coração, que me pede: "vai mais longe, vê mais fundo, não te deixes ficar pelo que é mais óbvio, mais imediato".

Então, olho para Jesus, olho para a Sua vida e há uma luz que começa a brilhar.

Apercebo-me que aquilo que Ele nos diz nesta leitura, por muito que possa parecer contrário àquilo que nos diz noutras ocasiões - "Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei"; "Aquilo que fazeis ao mais pequenino dos meus irmãos, é a Mim que mo fazes.", é afinal bem próximo.

Apercebo-me que esse Amor que viveu pelos e com os seus próximos, só chegou até mim, até nós, 2013 anos depois, por ter sido vivido com esta radicalidade, por ter sempre o seu início, o seu meio e o seu fim na relação de Amor maduro, verdadeiro e incondicional com o Pai, deixando de fora interesses, inconveniências ou facilidades.

Apercebo-me que quando Jesus se refere aos nossos "pais,

mães, filhos, irmãos", está, na verdade, a falar daquilo que nos é confortável, daquilo que conhecemos, das realidades que pensamos controlar e que acabam por nos controlar a nós. Está a dizer-nos que segui-lo pressupõe mais do que coisas "boazinhas, certinhas e bonitinhas". Implica soltar amarras, implica um abandono total nos seus braços, com o que somos e temos de óptimo, de bom, de menos bom e de mau, sabendo que vamos acertar muitas vezes e falhar outras tantas, mas que tudo isso Lhe pertence e que tudo isso é esperança e Vida, se o soubermos entregar.

Quais são as minhas realidades que me prendem? De que preciso de me soltar para viver plenamente o convite de Jesus?

É que, na verdade, só na medida em que deixemos que seja Ele a guiar o nosso coração e a nossa razão, viveremos o sonho que Deus tem para nós e para o mundo.

Porque se o nosso amor pelos outros não for, primeiro que tudo, alicerçado e alimentado nesta experiência de amor incondicional, quando os dias forem mais escuros e as noites mais frias, a nossa fonte seca, o nosso coração cansa-se e acabamos por desistir, visto que, tal como nos relembra a 1ª leitura, os nossos pensamentos são hesitantes, assim como o são os nossos desejos e aquilo que dizemos querer.

Precisamos de Deus, do seu amor firme. E Ele está e quer estar ao nosso lado, sempre.

Hoje, agradeço a Deus por ser exigente, por me conhecer e à minha fragilidade, por saber que preciso de ser relembrada do essencial, para que possa viver aquilo que digo e sinto e sei que quero viver - esta entrega, este Amor que faz dos homens Homens e que dá sentido à nossa vida e ao nosso caminhar.

Hoje, agradeço a Jesus por ser tão claro, por me incomodar, por me fazer sair de mim.

Hoje, agradeço ao Espírito Santo por transformar o meu olhar, por me recolocar de forma suave, abrindo-me a uma realidade mais profunda, mais verdadeira, mais humana e ao mesmo tempo mais divina.

E a ti, Maria, peço que me e nos acompanhes, com a tua força e o teu carinho de Mãe.

*Senhor, eu não quero sentir*
*que o teu mandamento de amor*
*é só uma obrigação,*
*mas que ele venha de dentro.*
*Eu quero ser teu instrumento.*

*Senhor, quero ser feliz,*
*amando meus irmãos*
*de uma forma natural.*
*Quero sorrir e quero chorar,*
*com o que me deste para desfrutar.*

*Amar, eu quero aprender a amar,*
*porque eu nasci p'ra amar,*
*para saber que estou vivo,*
*porque há algo teu que eu sei dar:*
*o amor.*

*Senhor, quero descobrir*
*que há algo que me deste que posso partilhar.*
*E abraçar confiante a vida,*
*sabendo que vou fazer-te feliz.*

# Resgatar a Confiança, precisa-se!

Ex. 32 , 7-14

Sl 50, 3

"Dou graças àquele que me confortou, Cristo Jesus Nosso Senhor, por me ter considerado digno de confiança..." 1 Tim 1, 12

1 Tim 1, 12-17

Lc 15, 1-32 ou
Lc 15, 1-10

**A confiança é muitas vezes confundida com ingenuidade, mas Deus confia em cada um, sem esperar nada em troca, potenciando todos os nossos dons, mesmo os que ainda não se revelaram.**

As leituras deste Domingo ajudaram-me a olhar com uma nova perspectiva para o Antigo Testamento e o Senhor sabe como tem sido grande a minha dificuldade em identificar-me com as escrituras desta época. Mas como muito se tem dito ultimamente por aí, nada como dar tempo a algo que se estranha, para que se possa entranhar em nós! E, como que por acção do Espírito, dei por mim a sentir que a passagem descrita no livro do Êxodo está repleta de uma actualidade incrível. O encontro de Moisés com Deus e o diálogo que mantêm um com o outro são, para mim, a expressão de uma relação filial como só conhecia (até agora) nos Evangelhos que retratam a relação de Jesus com o Pai. Se, de um lado, vejo um Deus que, com uma visão muito perspicaz, olha os homens com realismo, vendo a sua falta de

confiança e de perseverança, reconhecendo o seu desnorte e expressando até alguma frustração com o facto, do outro lado, vejo um homem que conhece bem o seu Deus e que quer permanecer fiel, apesar das limitações que possa encontrar nos que, como ele, são facilmente corruptíveis. Em Deus revejo uma faceta muito paternal, que na medida em que Ama, também se indigna com a volatilidade da nossa fé. Vejo um Deus que, tal como um Pai que nos ajuda a superar obstáculos incríveis, que se preocupa em dar-nos instrumentos para sermos felizes, se sente frustrado com a superficialidade da nossa fé e ao ver-nos entregues a "deuses" inventados por nós, feitos à nossa medida e por isso limitados e falíveis, se indigna com o caminho que vê os seus filhos tomarem.

Também no Salmo que nos é proposto (Sl 50, 3) volto a deparar-me com a faceta de um Deus que não vem com "paninhos quentes" com o Homem. Tal é o seu reconhecimento da liberdade de cada um de nós, que também nos responsabiliza pelas nossas acções e por vezes erros. Tal como um pai, não é pelo facto de Deus nos dar certezas do seu perdão e do Amor que tem por cada um, que não nos deve falar com toda a frontalidade e por vezes dizer o que não queremos ouvir, sendo até um pouco brusco. Na verdade, os discursos mais inflamados, quando sentidos, veêm daqueles que nos amam verdadeiramente e que, por isso mesmo, mais sentem (e sofrem com) o nosso "desnorte".

De volta ao diálogo entre Deus e Moisés, devo dizer que é com relativa facilidade que ponho nome aos "bezerros de metal fundido" da minha vida, basta lembrar-me das vezes em que coloco as minhas necessidades de sucesso, de reconhecimento, ou simplesmente económicas, no centro do meu quotidiano, fazendo girar à volta destas a organização

dos meus dias, do meu tempo, a gestão das minhas prioridades. E é neste ambiente, de preocupação e de "discussão" filial, que Moisés se revela como um homem especial, que argumenta em favor daquele que considera ser o "seu povo" e que, como o próprio invoca logo à partida, é o "povo de Deus". Moisés revela uma confiança nos homens, que muitos de nós não têm em si próprios, muito menos no seu semelhante. Moisés argumenta pela humanidade e não concebe a sua prosperidade/felicidade sem a da sua comunidade. Já em nós, devo dizer que à mínima possibilidade de nos desmarcarmos dos erros dos outros, fá-lo-emos sem muitos rodeios. Pelo contrário, encontrava-me perante um Moisés que argumenta com o que conhece melhor de Deus - o seu Amor ao Homem e o projecto que Ele tem para a humanidade. Trazendo à memória os melhores momentos da relação de Deus com os Homens, concretizada naqueles que n'Ele creram e que com Ele estabeleceram um compromisso de fidelidade. Talvez seja, desde hoje, mais agradecida a Moisés, por esta confiança na humanidade, que resgatou em Deus. Moisés talvez não tenha feito mais do que lembrar a lição ao Mestre, pois foi Ele quem lhe incutiu a força e confiança para acreditar que Deus e o Homem tinham um futuro indissociável, no entanto, esta simples "não desistência" perante o Mestre, nos valeu uma história vivida, tal como hoje a conhecemos.

Tocada pela leitura, deixei-me ir mais longe e deambulei pela memória, que me trouxe à consciência discussões recentes no meu contexto profissional. A afirmação era algo do género "confiar no que o outro nos diz, simplesmente, é sermos parvos, para sermos profissionais temos de saber usar bem as nossas fontes para verificar os factos que as pessoas nos narram", "para poder apurar a verdade". Acreditando na luz que me trouxe à memória esta discussão, o que gostava de

partilhar era algum receio que tenho de que a confiança seja, nos nossos dias, confundida com ingenuidade e que nos torne, cada vez mais, pessoas com excesso de reservas em relação ao outro, com a desculpa de nos protegermos de desilusões, de nos protegermos de ataques, de salvaguardarmos o nosso bem estar. Temo que estes ingredientes, sob o clima de crise, incerteza e até insegurança que vivemos, nos afaste dos outros e, por conseguinte, de nós próprios, da nossa humanidade. O que me leva a sentir que olhar para o outro com o pressuposto errado, condiciona, à partida, o caminho que poderei fazer com ele. E, um pouco como Moisés poderia ter escolhido concordar com o sentir de Deus, "desmarcar-se" dos que erravam e não acreditar na capacidade de regeneração do Homem, também eu, escolho diariamente a posição em que me coloco perante o outro, independentemente do clima sócio-economico ou da conjuntura internacional. Confiar não

é ser parvo, mas sim tentar ver mais além, tentando vislumbrar o máximo da capacidade do outro, mesmo quando este ainda não viu o esplendor das suas possibilidades. Também Paulo nos dá testemunho da importância desta confiança, desta vez de Jesus, naqueles sobre os quais reinava um descrédito generalizado (1 Tim 1, 12-17). Paulo viveu-o na pele, não fosse Jesus ter visto nele o que mais ninguém via, e não seria hoje o testemunho de vida Cristã que serve de exemplo a tantos de nós. Não deixo de concordar com Paulo quando, de uma forma inflamada, agradece a Jesus o facto de ter acreditado nas suas capacidades e de o ter buscado persistentemente, porque sempre que se torna viva esta confiança (de Deus e de Deus através de outros) a nossa vida dá um salto em qualidade. E aproveitando o sentir de Paulo, agradeço ao Pai a confiança cega que coloca em cada um de nós, sem esperar nada em troca e lançando desafios que, por vezes, só Ele acredita que estarão à altura das minhas capacidades.

*"É melhor sofrer uma injustiça que praticá-la, assim como às vezes é melhor ser enganado do que não confiar".*

Samuel Johnson

# Escolhas de Amor

Am 8, 4-7;
Sl 112 (113), 1-2. 4-6. 7-8
1 Tim 2, 1-8
Lc 16, 1-13 ou Lc 16, 10-13

«Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é infiel no pouco também é infiel no muito. Se, pois, não fostes fiéis no que toca ao dinheiro desonesto, quem vos há-de confiar o verdadeiro bem? E, se não fostes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso? Nenhum servo pode servir a dois senhores; ou há-de aborrecer a um e amar o outro, ou dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro.» Lc 16, 10-13

«Recomendo, pois, antes de tudo, que se façam preces, orações, súplicas e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão constituídos em autoridade, a fim de que levemos uma vida serena e tranquila, com toda a piedade e dignidade. (…) Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, erguendo as mãos puras, sem ira nem altercação.» 1Tim 2, 1-8

**Se eu não for "fiel no pouco" também não o serei "no muito", nem não posso "servir a dois senhores" ao mesmo tempo, diz-me São Lucas. Trata-se da escolha entre os caminhos de Deus e aqueles que nos afastam dele. O conflito interior que esta escolha implica é, afinal, o que nos caracteriza enquanto Homens. Só a procura permanente de Deus, com toda a liberdade com Ele nos criou, nos leva ao Seu Amor.**

Por vezes, não tão poucas assim, sinto-me a viver na dualidade de que fala o Evangelho de São Lucas. A viver entre o pouco e o muito; o desonesto e o verdadeiro; entre o alheio e o que é meu; entre o pecado e a virtude. Não sou uma pessoa diferente nem especial por sentir isto: quem não se reconhece nesta inquietação? Esta é a essência humana, é incontornável, o pecado original com o qual nascemos comporta em si a existência de confrontos interiores.

Hoje, por exemplo, senti de uma forma peculiar isto de não poder "servir a dois senhores". Não entre Deus e o dinheiro, mas entre Deus e aquilo que me afasta do Seu Amor. Saí do trabalho à hora do costume, o que significa ter, na melhor das hipóteses, duas horas entre o momento de chegar a casa e os filhos se deitarem. Vou sempre a pensar no que tenho que fazer: compras, brincar, jantar, banhos, coisas da casa, … Durante esse período um minuto para mim tem um valor inestimável. Estava a chegar a casa e o marido liga-me a dizer que está no parque com o nosso filho, para ir lá ter. Fui mas combinámos mal o sítio e estivemos à espera um do outro em sítios diferentes do parque uns 10 minutos. 10minutos????? Nem pensar que é pouco porque, para mim, aquela hora bem posso multiplicar cada minuto por seis e já é uma hora de espera! Nessa "hora" de desencontro estava furiosa, nem consegui brincar com o miúdo com qualidade, nem aproveitar em família o lindo fim de tarde. No meio deste estado de irritação, soube que a nossa empregada decidiu, sem avisar, ir lá a casa nesse dia e não no dia seguinte como tinha combinado. A casa estava uma bagunça e não tinha nada organizado como gosto de ter antes do dia da limpeza. Ainda mais irritada fiquei!

À noite, ao rezar esta leitura (foi providencial!), percebi que temos que fazer escolhas e não podemos servir a Deus e ao que nos afasta dele ao mesmo tempo, ainda que no dia-a-dia este limite possa ser difícil de separar. O meu fim de tarde podia ter sido tão diferente! Vou contar a história de novo como Jesus me fez ver que podia ter vivido: fui ter ao parque, enquanto não os encontrei agradeci aquele espaço, aquele sol e o meu dia, rezei a Maria como faço todos os dias. Apareceram, aproveitámos intensamente o nosso passeio em família. Fomos para casa, preocupada claro com o que ainda tinha para fazer, mas quando abri a porta a casa estava linda e carinhosamente limpa e arrumada como só a nossa empregada consegue. Deu tempo para tudo e no final do dia ainda lhe enviei uma mensagem a agradecer o esforço adicional que teve.

Desculpem se centrei a minha oração demasiado neste episódio, mas esta oração foi tão forte, o Senhor falou-me tão ao coração que era isto que tinha que escrever. Não pela situação em si, mas por ter percebido (ou voltado a ter tão presente) o quão livre eu sou de escolher a minha vida, e que as minhas decisões têm consequências muito concretas. As circunstâncias são exatamente as mesmas, é a escolha de como as vivo que marca e decide a minha vida.

Senhor, obrigado por dares tanta luz à minha vida, me abrires a novos caminhos e a horizontes tão mais largos do que aqueles que eu sozinha vejo. Obrigado pelos meus passos mal dados porque, com a Tua misericórdia, me fazem chegar ainda mais perto do teu Amor. Senhor, aumenta a minha fé e não me deixes fugir de longe de ti...

*«Não te alegres com a realidade terrestre, alegra-te em Cristo, alegra-te na Sua palavra, alegra-te na Sua lei...*

*No coração cristão haverá paz e tranquilidade, mas enquanto está vigilante a nossa fé; se porém adormecer a nossa fé, estamos em perigo»*

Santo Agostinho

# A Fé capacita-nos a ser pobres

Am 6, 1a. 4-7;

Sal 145 (146), 7. 8. 9. 10

Tim 6, 11-16

Lc 16, 19-31

"Eis o que diz o Senhor omnipotente: «Ai daqueles que vivem comodamente em Sião e dos que se sentem tranquilos no monte da Samaria. Deitados em leitos de marfim, estendidos nos seus divãs, comem os cordeiros do rebanho e os vitelos do estábulo. Improvisam ao som da lira e cantam como David as suas próprias melodias. Bebem o vinho em grandes taças e perfumam-se com finos unguentos, mas não os aflige a ruína de José. Por isso, agora partirão para o exílio à frente dos deportados e acabará esse bando de voluptuosos»." Am 6,1a.4-7

"Abraão respondeu-lhe: 'Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em vida e Lázaro apenas os males. Por isso, agora ele encontra-se aqui consolado, enquanto tu és atormentado. Além disso, há entre nós e vós um grande abismo, de modo que se alguém quisesse passar daqui para junto de vós, ou daí para junto de nós, não poderia fazê-lo'."Lc 16, 25-26

**O Mundo ajuda-nos a toldar a nossa visão. A deixarmos de ver o que estamos capacitados a ver. A fé de Jesus e de Amós é uma fé de justiça e verdade. Não permite que a realidade da pobreza e da riqueza coabitem na indiferença. Obriga-nos a reparar, a ser criativos na busca de soluções. Responsabiliza-nos.**

Recordo-me de na infância, quando não queria comer, que a minha mãe dizia-me para pensar nos meninos do Biafra. Recordo-me de, nessa altura, não fazer ideia onde ficava o Biafra, nem por que razão não se podia enviar o resto da minha comida para lá. Recordo-me de já nessa altura ser extraordinariamente sensível à questão da fome e miséria humana. Depois, à medida que fui crescendo, parece que fui criando uma anti-sensibilidade à miséria. Como se os meus olhos, quando passam por uma situação de injustiça, deixassem de ver.

Jesus manda-nos acolher o reino dos céus como uma criança. A verdade é que o nosso coração se vai enrijecendo e as verdades do mundo vão-se relativizando. Quando era criança e escutava esta leitura, parecia-me evidente que acumular coisas e ser rico não agradava a Jesus. Não estou a falar de ser uma pessoa má, de praticar más ações, estou simplesmente a falar em ser rico, em possuir bens sem os repartir, em estar alheado do sofrimento dos "Lázaros" que continuam a existir. Depois fui crescendo e tudo se relativizou. Passei a defender que os pobres têm alternativas à pobreza, os ricos passaram a poder ser ricos desde que não vivessem só para a riqueza (como se isso fosse possível!), e o melhor argumento de todos é que "não podemos ajudar toda a gente".

A verdade é que o profeta Amós fala-nos da sua realidade de injustiça. É uma realidade do século VIII AC, mas extraordinariamente parecida com a dos nossos dias. Ele não fala de maus e bons, mas indiretamente classifica de maus, todos os que têm uma vida de luxo e regalias. Existe uma mensagem implícita de que a forma como vivem é geradora de injustiças várias. O evangelista Lucas vem reforçar esta

ideia, testemunhada pela pregação de Jesus: basta ser rico, para se estar longe de Deus.

Porque os nossos tempos também são marcados por assimetrias profundas. Todos os dias morrem 22 000 crianças à fome no mundo e metade da população mundial vive com menos de 1,90 euros por dia. Os 1,90 euros representam menos do que quatro cafés em Portugal. Nem sempre nos apercebemos do quão abastado somos. Basta caminhar durante algum tempo para fora do meu bairro e parece que mudei de país. As ruas tornam-se cinzentas e cheias de lixo. Tudo me leva a não ir para aquela zona.

Mas onde me situam os olhos da fé? Não tenho coragem de doar todos os meus bens e passar a viver como Lázaro. No entanto, esta é uma fasquia que deve estar presente na minha vida. É uma mensagem que vem sendo sucessivamente recordada pelo Papa Francisco. Comoveu-me especialmente a forma como lavou os pés aos presos nas cerimónias pascais. É um gesto tão cheio de significado, numa altura em que se fala da falência da europa, de que é necessário sacrificar empregos e direitos para voltar a haver crescimento.

Vou baixar a minha fasquia por agora. Não vou doar os meus bens como um todo. Para esta semana tenho um objetivo: olhar para a nossa realidade, como o profeta Amós, como Jesus, como o próprio Papa Francisco. Tentar perceber que gestos podem atirar um homem para uma situação de exclusão e que gestos podem trazer dignidade. Ler a situação do país com estes olhos. Peço ao Espírito Santo que me ilumine o olhar para poder ver os excluídos com olhos e gestos de amor.

## Uma Esperança Renovada

Aquilo em que acreditamos, as nossas esperanças, influenciam, condicionam ou determinam mesmo a nossa forma de agir. Li esta frase no outro dia a propósito de alguém que tinha gasto tudo o que tinha, na esperança de ganhar a lotaria. Acabou por não ganhar nada e, naturalmente, ficou mais pobre do que antes.

Jesus diz-nos que só podemos depositar as nossas esperanças em Deus. Só Ele nos pode dar uma esperança verdadeira, em que podemos mesmo acreditar e confiar. Não uma esperança que dependa da sorte, ou de outra coisa qualquer. Os desafios que nos surgem, aqueles que escolhemos enfrentar, e a forma como o fazemos, põem-me a pensar se tenho mesmo esperança nas promessas de Deus.

Na verdade, parece-me que a diferença é que esta não é uma esperança qualquer. Se eu tiver esperança de que o exame na universidade vai ser fácil, isso far-me-á estudar menos para ter a nota que desejo. Se tiver esperança de que mudar de emprego é melhor para a minha vida, vou-me esforçar para que essa mudança ocorra. Se eu acreditar que o melhor para a educação de uma criança é não lhe dar tudo o que ela pedir, vou resistir a algumas birras e pedidos mais insistentes. Mas em todos estes exemplos ou noutros que se lembrem, a verdade é que posso estar enganado. As minhas esperanças são falíveis. Nem tudo depende de mim, nem de ninguém em especial.

No entanto, a esperança que Deus nos oferece é diferente. Primeiro, porque não muda só algumas atitudes da minha vida, deixando outras na mesma. Uma esperança que vem de Deus abarca todos os aspectos da nossa vida, é algo que não deixa nada de fora. Segundo, porque não é uma esperança falível: não há hipótese de falhar ou de estarmos

enganados. E, perante isto, encontramos a grande dificuldade: dizemos que acreditamos em Deus, mas na hora de agir em conformidade… parece que não acreditamos, parece que não temos efectivamente essa esperança.

Na bíblia encontro muitos desafios que Deus nos coloca e que só são possíveis de viver a quem tem esta esperança de que falo: "Quem quiser ser o maior entre vós faça-se o menor" (Lc 22, 26); "Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra." (Mt 5, 39); "Quem nunca pecou que atire a primeira pedra" (Jo 8, 3); "Não tenhas medo, que Eu estou contigo" (Is 43, 5).

É que uma esperança verdadeira e efectiva tem de fazer-nos mudar de atitude. Se acreditarmos mesmo na promessa de Deus, se tivermos a certeza da sua autenticidade, teremos de mudar a nossa vida em muitos aspectos. E este é o verdadeiro desafio para a nossa vida. Sem esta esperança, encarar os desafios que Deus nos coloca faz-nos mergulhar no nosso lado humano – seres imperfeitos, insatisfeitos, finitos com sede de infinito. Todas as nossas atitudes precisam de ter uma esperança que lhe dê suporte.

Apesar de, muitas vezes, me apertar o coração por sentir que não serei capaz, rezo e recordo que não é só com as minhas forças que o conseguirei, mas sim fortalecido em Deus, olhando para Jesus como meu guia e meu suporte. Sejamos capazes de guardar no coração esta certeza de que nunca estamos sozinhos e de que, sendo firmes, encontraremos a verdadeira esperança:

"Mais ainda, gloriamo-nos também das tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência a firmeza, e a firmeza a esperança. Ora a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado." (Rm 5, 3-5)

# parte II

# Reflexões Santo Padre

# Introdução

Quando, no dia 13 de março passado, se avistou fumo branco no Vaticano, os cristãos em particular e o mundo de uma forma geral fixaram os olhos naquela janela de onde nos viriam, ao fim de umas horas, um nome e depois um rosto, com um sorriso aberto: Jorge Bergoglio, argentino, jesuíta, o 266º Papa.

Muito foi referido, naqueles primeiros dias, sobre tudo o que o Papa Francisco tinha de diferente: os símbolos que quis ou que não quis usar, os privilégios de que prescindiu, as quebras de protocolo, a proximidade em relação a todos, os gestos de carinho para com os mais frágeis, as palavras simples e profundas…

Quase tudo o que o Papa tem dito e feito tem sido notado, analisado, interpretado… Sem mais comentários, queremos deixar, neste Caderno, algumas das intervenções, as primeiras, para que possam ser saboreadas, calmamente, durante o Verão.

Muitos outros textos surgirão, entretanto – basta estarmos atentos. Todos, certamente, cheios deste "vento" novo que vai soprando sobre a Igreja… Aguarda-se com expetativa a primeira viagem apostólica do Papa: ao Brasil, em julho, para presidir às Jornadas Mundiais da Juventude. Que terá o Papa para dizer aos jovens de 2013?...

E, mais tarde, ainda durante 2013, caber-lhe-á encerrar o Ano da Fé e a celebração do 50º aniversário do Concílio Vaticano II, esse que foi, à época, uma janela aberta sobre a Igreja, numa tentativa de profunda renovação. "Aggiornamento" foi o termo então usado pelo Papa João XXIII para exprimir aquilo

que os documentos conciliares vieram confirmar: "fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo e fortalecer o que pode contribuir para chamar todos ao seio da Igreja" (Sacrosanctum Concilium, 1)

O espírito de abertura e de mudança, o olhar fresco e renovado que se deseja tem-los o Papa Francisco; um coração repleto de esperança e de misericórdia também. Saibamos nós, cristãos do terceiro milénio, seguir os passos deste Pastor!

## BÊNÇÃO APOSTÓLICA "URBI ET ORBI" PRIMEIRA SAUDAÇÃO DO PAPA FRANCISCO

Varanda central da Basílica Vaticana, 13 de março de 2013

Irmãos e irmãs, boa-noite!

Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais foram buscá-lo quase ao fim do mundo… Eis-me aqui! Agradeço-vos o acolhimento: a comunidade diocesana de Roma tem o seu Bispo. Obrigado! E, antes de mais nada, quero fazer uma oração pelo nosso Bispo emérito Bento XVI. Rezemos todos juntos por ele, para que o Senhor o abençoe e Nossa Senhora o guarde.

[Recitação do Pai Nosso, Ave Maria e Glória ao Pai]

E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade (…)

E agora quero dar a Bênção, mas antes… antes, peço-vos um favor: antes de o Bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que me abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a Bênção para o seu Bispo. Façamos em silêncio esta oração vossa por mim. […]

Agora dar-vos-ei a Bênção, a vós e a todo o mundo, a todos os homens e mulheres de boa vontade. [Bênção]

## MISSA IMPOSIÇÃO DO PÁLIO E ENTREGA DO ANEL DO PESCADOR

## INÍCIO DO MINISTÉRIO PETRINO DO BISPO DE ROMA

Praça de São Pedro, 19 de março de 2013 Solenidade de São José

HOMILIA (excertos)

Queridos irmãos e irmãs!

(…) Ouvimos ler, no Evangelho, que «José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua esposa» (Mt 1, 24). Nestas palavras, encerra-se já a missão que Deus confia a José: ser custos, guardião. Guardião de quem? De Maria e de Jesus, mas é uma guarda que depois se alarga à Igreja (…)

Como realiza José esta guarda? Com discrição, com humildade, no silêncio, mas com uma presença constante e uma fidelidade total, mesmo quando não consegue entender. Desde o casamento com Maria até ao episódio de Jesus, aos doze anos, no templo de Jerusalém, acompanha com solicitude e amor cada momento. Permanece ao lado de Maria, sua esposa, tanto nos momentos serenos como nos momentos difíceis da vida, na ida a Belém para o recenseamento e nas horas ansiosas e felizes do parto; no momento dramático da fuga para o Egipto e na busca preocupada do filho no templo; e depois na vida quotidiana da casa de Nazaré, na carpintaria onde ensinou o ofício a Jesus.

Como vive José a sua vocação de guardião de Maria, de Jesus, da Igreja? Numa constante atenção a Deus, aberto aos Seus sinais, disponível mais ao projecto d'Ele que ao

seu. (…) Entretanto a vocação de guardião não diz respeito apenas a nós, cristãos, mas tem uma dimensão antecedente, que é simplesmente humana e diz respeito a todos: é a de guardar a criação inteira, a beleza da criação, como se diz no livro de Génesis e nos mostrou S. Francisco de Assis: é ter respeito por toda a criatura de Deus e pelo ambiente onde vivemos. É guardar as pessoas, cuidar carinhosamente de todas elas e cada uma, especialmente das crianças, dos idosos, daqueles que são mais frágeis e que muitas vezes estão na periferia do nosso coração. É cuidar uns dos outros na família: os esposos guardam-se reciprocamente, depois, como pais, cuidam dos filhos, e, com o passar do tempo, os próprios filhos tornam-se guardiões dos pais. É viver com sinceridade as amizades, que são um mútuo guardar-se na intimidade, no respeito e no bem. Fundamentalmente, tudo está confiado à guarda do homem e é responsabilidade que nos diz respeito a todos. Sede guardiões dos dons de Deus!

(…) Guardar a criação, cada homem e cada mulher, com um olhar de ternura e amor, é abrir o horizonte da esperança, é abrir um rasgo de luz no meio de tantas nuvens, é levar o calor da esperança! E, para o crente, como Abraão, como São José, a esperança que levamos tem o horizonte de Deus que nos foi aberto em Cristo, está fundada sobre a rocha que é Deus.

Guardar Jesus com Maria, guardar a criação inteira, guardar toda a pessoa, especialmente a mais pobre, guardarmo-nos a nós mesmos: eis um serviço que o Bispo de Roma está chamado a cumprir, mas para o qual todos nós estamos chamados, fazendo resplandecer a estrela da esperança: guardemos com amor aquilo que Deus nos deu!

## VIA-SACRA NO COLISEU

Sexta Feira Santa 29 de março de 2013

(…) Não quero acrescentar muitas palavras. Nesta noite, deve permanecer uma única palavra, que é a própria Cruz. A Cruz de Jesus é a Palavra com que Deus respondeu ao mal do mundo. Às vezes parece-nos que Deus não responda ao mal, que permaneça calado. Na realidade, Deus falou, respondeu, e a sua resposta é a Cruz de Cristo: uma Palavra que é amor, misericórdia, perdão. É também julgamento: Deus julga amando-nos. Lembremo-nos: Deus julga amando-nos. Se acolho o seu amor, estou salvo; se o recuso, estou condenado, não por Ele, mas por mim mesmo, porque Deus não condena, Ele unicamente ama e salva.

## MENSAGEM URBI ET ORBI

## PÁSCOA 2013

Domingo, 31 de março de 2013

Amados irmãos e irmãs de Roma e do mundo inteiro, boa Páscoa! Boa Páscoa!

Que grande alegria é para mim poder dar-vos este anúncio: Cristo ressuscitou! Queria que chegasse a cada casa, a cada família e, especialmente onde há mais sofrimento, aos hospitais, às prisões...

Sobretudo queria que chegasse a todos os corações, porque é lá que Deus quer semear esta Boa Nova: Jesus ressuscitou, há uma esperança que despertou para ti, já não estás sob o domínio do pecado, do mal! Venceu o amor, venceu a misericórdia!... A misericórdia sempre vence!

Também nós, como as mulheres discípulas de Jesus que foram ao sepulcro e o encontraram vazio, nos podemos interrogar que sentido tenha este acontecimento. Que significa o fato de Jesus ter ressuscitado? Significa que o amor de Deus é mais forte que o mal e a própria morte; que pode transformar a nossa vida, fazer florir aquelas parcelas de deserto que ainda existem no nosso coração. (…)

Quantos desertos tem o ser humano de atravessar ainda hoje! Sobretudo o deserto que existe dentro dele, quando falta o amor de Deus e ao próximo, quando falta a consciência de ser guardião de tudo o que o Criador nos deu e continua a dar. Mas a misericórdia de Deus pode fazer florir mesmo a terra mais árida, pode devolver a vida aos ossos ressequidos (cf. Ez 37, 1-14). (…)

E assim, a Jesus ressuscitado que transforma a morte em vida, peçamos para mudar o ódio em amor, a vingança em perdão, a guerra em paz. Cristo é a nossa paz e, por seu intermédio, imploramos a paz para o mundo inteiro.

## Vésperas de Pentecostes com os movimentos, as comunidades, as associações e as agregações laicas.

Praça de S.Pedro, 18 de Maio de 2013

1ª Questão colocada ao Santo Padre

"A verdade cristã é atraente e persuasiva porque responde à necessidade profunda da existência humana, anunciando de forma consistente que Cristo é o único Salvador de cada homem e de todos os homens". Santo Padre, estas Vossas palavras calaram fundo em nós, exprimindo de modo direto e radical a experiência que cada um de nós deseja viver sobretudo no Ano da Fé e nesta peregrinação que esta noite nos trouxe aqui. Estamos diante de Vós para renovar a nossa fé, para a confirmar e reforçar. Sabemos que a fé não pode ser de uma vez por todas. Como dizia Bento XVI na Porta Fidei: "A fé não é um pressuposto óbvio". Esta afirmação não se prende apenas com o mundo, com os outros, com a tradição de que provimos: esta afirmação prende-se antes de mais com cada um de nós. Damo-nos muitas vezes conta de como a fé é um rebento de novidade, um início de mudança, mas que depois tem dificuldade em abarcar a totalidade da vida e não se torna a origem de todo o nosso conhecer e agir. **Santidade, como conseguiu alcançar na vida a certeza da fé? E que caminho nos indicais para que cada um de nós possa vencer a fragilidade da fé?**

2ª Questão colocada ao Santo Padre

Santo Padre, a minha experiência é uma experiência de vida quotidiana como tantas outras. Procuro viver a fé no meio de trabalho em contacto com os outros como testemunho sincero de ser bem recebido no encontro com o Senhor. Eu sou, nós

somos “pensamentos de Deus” investidos de um Amor misterioso que nos deu a vida. Eu dou aulas numa escola e esta consciência dá-me um motivo para me apaixonar pelos meus rapazes e também pelos seus colegas. Verifico muitas vezes que muitos buscam a felicidade em inúmeros itinerários individuais onde a vida e as suas grandes questões se reduzem muitas vezes ao materialismo de quem tudo quer e continua permanentemente insatisfeito ou ao niilismo para o qual nada tem sentido. Pergunto a mim mesmo como a proposta da fé, que consiste num encontro pessoal, de uma comunidade, de um povo, pode alcançar o coração do homem e da mulher do nosso tempo. Fomos feitos para o infinito – “jogai a vida para as grandes coisas!”, dissestes recentemente -, e no entanto tudo à nossa volta e dos nossos jovens parece dizer que devemos contentar-nos com respostas medíocres, imediatas e que o homem deve adaptar-se ao finito sem nada mais buscar. Estamos por vezes intimidados como os discípulos na véspera do Pentecostes.

A Igreja convida-nos à Nova Evangelização. Penso que todos nós aqui presentes sentimos fortemente este desafio que está no íntimo das nossas experiências. Queria, pois, pedir-Vos, Santo Padre, que me ajudásseis a mim e a todos nós a saber como viver este desafio do nosso tempo. **Qual é para Vós a coisa mais importante na qual todos os nossos movimentos, associações e comunidades devemos ter os olhos postos para pôr em prática aquilo a que fomos chamados? Como podemos comunicar hoje eficazmente a fé?**

3ª Questão colocada ao Santo Padre

Santo Padre, ouvi como emoção as palavras da Vossa audiência aos jornalistas após a Vossa eleição. “Como eu

quisera uma Igreja pobre e para os pobres." Muitos de nós estão empenhados em obras de caridade e justiça: somos parte ativa na presença enraizada da Igreja onde o homem sofre. Sou uma empregada, tenho a minha família e empenho-me pessoalmente como posso junto dos vizinhos e na ajuda aos pobres. Mas nem por isso me sinto satisfeito. Queria dizer como Madre Teresa de Calcutá: tudo é por Cristo. O que muito me ajuda a viver esta experiência são os irmãos e as irmãs da minha comunidade que se empenham no mesmo fito. E neste empenhamento somos sustidos pela fé e a oração. A necessidade é grande. Vós o recordastes: "Quantos pobres há ainda no mundo e quanto sofrimento encontram estas pessoas". E a crise agravou tudo. Penso na pobreza que aflige tantos países e que também no mundo do bem-estar se veio juntar à falta de trabalho, aos movimentos migratórios de massa, às novas escravidões, ao abandono e à solidão de tantas famílias, de tantos anciãos e de tantas pessoas sem casa ou sem trabalho. Queria perguntar-Vos, Santo Padre: **como podemos eu e nós viver uma Igreja pobre e para os pobres? De que modo o homem que sofre é uma questão para a nossa fé? Que contributo concreto e eficaz podemos nós, movimentos e associações laicas, fornecer à Igreja e à sociedade para enfrentar esta grave crise que atinge a ética pública, o modelo de desenvolvimento, a política, em suma, uma nova maneira de ser dos homens e das mulheres?**

4ª Questão colocada ao Santo Padre

Caminhar, construir, confessar. Este Vosso "programa" para uma Igreja-movimento, pelo menos tal como a entendi ao ouvir a Vossa homilia no início do Pontificado, confortou-nos e animou-nos. Confortou-nos porque nos encontrámos numa experiência profunda com os amigos da comunidade cristã e

com toda a Igreja universal. Animou-nos porque de certa forma Vós obrigaste-nos a sacudir o pó do tempo e da superficialidade da nossa adesão a Cristo. Mas devo dizer que não consigo superar o sentimento de perturbação que uma destas palavras causa em mim: confessar. Confessar, ou seja, testemunhar a fé. Pensamos em tantos dos nossos irmãos que sofrem por causa dela como ainda há pouco ouvimos. Nos que ao domingo de manhã têm de decidir se vão à Missa porque sabem que indo à Missa põem a vida em risco. Nos que se sentem cercados e discriminados pela fé cristã em muitos, em demasiados cantos do nosso mundo.

Perante estas situações parece-nos que o meu confessar, o nosso testemunho é tímido e tem peias. **Queríamos fazer outra coisa, mas o quê? E como ajudar estes nossos irmãos? Como aliviar os seus sofrimentos nada podendo fazer ou bem pouco para mudar o seu contexto político e social?**

**Respostas do Papa Francisco**

Boa noite a todos!

Estou contente por encontrar-vos e pelo facto de que todos nós nos encontramos nesta praça para rezarmos, estarmos unidos e esperarmos o dom do Espírito. Eu conhecia as vossas questões e pensei nelas – isto não é, pois, insciente! A verdade em primeiro lugar! Tenho-as escritas aqui. A primeira – "como pudestes alcançar na vida a certeza da fé e que caminho indicais para que cada um de nós possa vencer a fragilidade da fé?" – é uma questão histórica porque se prende com a minha história, a história da minha vida!

Tive a graça de crescer no seio de uma família na qual a fé era ensinada de uma forma simples e concreta, mas foi

sobretudo a minha avó, a mãe do meu pai, que marcou o meu caminho de fé. Era uma mulher que nos explicava, que nos falava de Jesus, que nos ensinava o catecismo. Lembro-me sempre de que na Sexta-Feira Santa nos levava à noite à procissão das velas, que no fim da procissão chegava o "Cristo jacente" e que a avó nos mandava, a nós crianças, ajoelhar e dizia: "Olhem, está morto, mas amanhã ressuscita". Recebi o primeiro anúncio cristão justamente desta mulher, a minha avó! Isto é lindíssimo. O primeiro anúncio em casa, com a família! E isto leva-me a pensar no amor de tantas mães e de tantas avós na transmissão da fé. São elas que transmitem a fé. Isto acontecia também nos primeiros tempos, porque São Paulo dizia a Timóteo: "Eu recordo a fé da tua mãe e da tua avó" (cfr. 2Tm, 1,5). Pensai nisto todas as mães que estão aqui, todas as avós. Transmitir a fé. Porque Deus nos coloca junto das pessoas que auxiliam o nosso caminho de fé. Não encontramos a fé no abstrato, não! Há sempre alguma pessoa que prega, que nos diz quem é Jesus, que nos transmite a fé, que nos dá o primeiro anúncio. E foi esta a primeira experiência de fé que tive.

Mas há um dia muito importante para mim: 21 de Setembro de 53. Andava pelos 17 anos. Era o "Dia do Estudante", para nós o primeiro dia da Primavera, para vós o do Outono. Antes

de ir para a festa, passei pela minha paróquia, encontrei um padre que não conhecia e senti necessidade de me confessar. Foi para mim uma experiência de encontro: encontrei alguém que estava à minha espera. Mas não sei o que aconteceu, não me lembro, não sei bem porque estava ali aquele padre que eu não conhecia, não sei porque sentira aquela necessidade de me confessar, mas o certo é que alguém estava à minha espera. À minha espera há muito. Depois da confissão senti que algo mudara. Eu não era a mesma pessoa. Sentira justamente como que uma voz, um chamamento: estava convencido de que devia ser sacerdote.

Esta experiência na fé é importante. Dizemos que devemos procurar a Deus, ir ao Seu encontro pedir perdão, mas, quando não vamos, Ele espera. Ele está primeiro! Nós temos uma palavra espanhola que explica bem tudo isto: "O Senhor sempre nos primerea", está primeiro, está à nossa espera! Esta é de facto uma grade graça: encontrar alguém que está à nossa espera. Tu, pecador, vais, mas Ele está à tua espera para te perdoar. É esta a experiência que os profetas de Israel descreviam dizendo que o

Senhor é como a flor da amendoeira, a primeira flor da Primavera (cfr. Ger, 1, 11-12). Antes que desabrochem as outras flores, ei-lo, ei-lo que nos espera. O Senhor espera-nos. E, quando o buscamos, deparamos com esta realidade: que é Ele quem nos espera para nos acolher, para nos dar o Seu amor. E isto causa em ti uma estupefação tal que não acreditas, e assim vai nascendo a fé!

Com o encontro de uma pessoa, com o encontro com o Senhor. Alguém dirá: "Não, eu prefiro estudar a fé nos livros!" É importante estudá-la, mas olha que isso não chega!

O que importa é o encontro com Jesus, o encontro com Ele, e isto dá-te a fé, porque é justamente Ele quem ta dá! Também faláveis da fragilidade da fé, no que fazer para a vencer. O maior inimigo que a fragilidade tem é – curioso, hã? – o medo. Mas não tenhais medo! Somos frágeis e sabemos disso. Mas Ele é mais forte! Se fores com Ele, não há problema! Uma criança é fragilíssima – muitas vi hoje - , mas estava com o pai e com a mãe, estava a salvo! Com o Senhor estamos a salvo. A fé cresce com o Senhor, precisamente da mão do Senhor e isto faz-nos crescer e torna-nos fortes. Mas, se pensarmos que nos podemos desenvencilhar sozinhos… pensemos no que aconteceu a Pedro: "Senhor, nunca te renegarei!" (cfr. Mt, 26, 33-35), e depois o galo cantou e renegara-o três vezes! (cfr. Vv. 69-75). Pensemos: quando temos demasiada confiança em nós próprios, somos mais frágeis, mais frágeis. Sempre com o Senhor! E dizer com o Senhor significa dizer com a Eucaristia, com a Bíblia, com a oração… Mas também em família, com a Mãe, também com Ela, porque é Ela que nos leva ao Senhor; é a Mãe, é Ela que tudo sabe. Portanto rezar a Nossa Senhora e pedir-lhe que, como Mãe, nos torne fortes. Eis o que penso sobre a fragilidade, é pelo menos esta a minha experiência. Uma coisa que todos os dias me fortalece é rezar o Rosário a Nossa Senhora. Sinto uma força tão grande porque vou ao Seu encontro e sinto-me forte.

Passemos à segunda questão.

A primeira: Jesus. O que é mais importante? Jesus. Se não avançarmos com a organização, com outras coisas, coisas belas, mas sem Jesus, não avançamos, não adianta. Jesus é mais importante. Agora queria fazer uma pequena censura, mas fraternamente, cá para nós. Todos vós gritastes na praça: "Francisco, Francisco, Papa Francisco!". Mas onde

estava Jesus? Eu quereria que vós gritásseis: “Jesus, Jesus e o Senhor e está justamente entre nós!” Daqui para a frente nada de “Francisco”, mas “Jesus”!

A segunda questão é a oração. Olhar o rosto de Deus, mas sobretudo – e isto prende-se com o que disse antes – sentir-se olhado. O Senhor olha-nos: olha-nos primeiro. A minha experiência é o que experencio diante do sacrário (Tabernáculo) quando vou rezar à noitinha diante do Senhor. Por vezes adormeço um pouquito, é certo, porque um pouco da fadiga do dia nos faz adormecer. Mas

Ele compreende-me. E sinto tanto conforto quando me olha. Pensamos que devemos rezar, falar, falar, falar… Não! Deixai-vos olhar pelo Senhor. Quando Ele nos olha, dá-nos força e ajuda-nos a testemunhá-Lo – porque a questão versava sobre a fé, não? Primeiro “Jesus”, depois “oração” – sentimos que Deus está sempre a amparar-nos com a mão. Sublinho agora a importância disto: deixar-se guiar por Ele. Isto é mais importante do que qualquer cálculo. Somos verdadeiros evangelizadores deixando-nos guiar por ele. Pensemos em Pedro; talvez estivesse a fazer a sesta depois

de almoço e tivesse uma visão, a visão do lençol com todos os animais, e sentisse que Jesus lhe dizia algo, mas não compreendia. Nesse momento alguns não-hebreus vieram chamá-lo para ir a uma casa e viu como o Espírito Santo ali estava. Pedro deixou-se guiar por Jesus para chegar à primeira evangelização dos gentios, que não eram hebreus: coisa inimaginável naquele tempo (cfr. At. 10, 9-33). E assim a história toda, toda a história! Deixar-se guiar por Jesus. É justamente o líder; o nosso líder é Jesus.

E terceira: o testemunho. Jesus, oração – oração, esse deixar-se olhar por Ele – e depois o testemunho. Mas eu queria acrescentar algo. Este deixar-se guiar por Jesus leva-nos às surpresas de Jesus. Podemos pensar que devemos programar a evangelização num tabuleiro, pensando nas estratégias, fazendo planos. Mas isto são instrumentos, pequenos instrumentos. O importante é Jesus e deixar-se guiar por Ele. Depois podemos fazer estratégias, mas isto é secundário.

Finalmente, o testemunho: a comunicação da fé só pode ser feita com o testemunho e isto é o amor. Não com as nossas ideias, mas com o Evangelho vivido na nossa existência e que o Espírito Santo faz viver em nós. É como que uma sinergia entre nós e o Espírito Santo, e isto conduz ao testemunho. A Igreja é levada adiante pelos Santos, que são justamente os que dão este testemunho. Como disse João Paulo II e também Bento XVI, o mundo de hoje precisa de muitos testemunhos. Não tanto de mestres, mas de testemunhos. Não falar muito, mas falar com a vida toda: a coerência de vida, precisamente a coerência de vida! Uma coerência de vida que é viver o cristianismo como um encontro com Jesus que me conduz junto dos outros e não como um facto social. Socialmente somos assim, somos cristãos fechados em nós.

Não, isto não! O testemunho!

A terceira questão: “Queria, Santo Padre, perguntar-Vos como posso eu e podemos todos nós viver uma Igreja pobre e para os pobres. De que modo o homem que sofre constitui uma questão para a nossa fé? Que contributo concreto e eficaz podemos nós todos nós como movimentos e associações laicas dar à Igreja e à sociedade para enfrentar esta grave crise que afeta a ética pública.” Isto é importante! “O modelo de desenvolvimento, a política, em suma, uma nova maneira de sermos homens e mulheres?”.

Volto ao testemunho. Antes de mais viver o Evangelho é o principal contributo que podemos dar. A Igreja não é um movimento político nem uma estrutura bem organizada: não é isto. Nós não somos uma ONG, e, quando a Igreja se torna uma ONG, perde o sal, não tem sabor, é apenas uma organização vazia. E nisto sede astuciosos porque o diabo nos engana, porque o perigo do “eficientismo” existe. Uma coisa é pregar Jesus, outra é a eficácia, é ser eficiente. Não, isso é outro valor. O valor da Igreja é fundamentalmente viver o Evangelho e dar testemunho da nossa fé. A Igreja é o sal da terra e a luz do mundo, é chamada a manter presente na sociedade o fermento do Reino de Deus e fá-lo antes

demais com o testemunho, o testemunho do amor fraterno, da solidariedade, da condivisão. Quando ouvimos alguém dizer que a solidariedade não é um valor, mas uma "atitude primária" que deve desaparecer… não dá! Está a pensar-se numa eficácia meramente mundana.

Os momentos de crise, como os que estamos a viver – mas dissestes antes que "estamos num mundo de mentiras" – este momento de crise não consiste, estejamos atentos, a uma mera crise económica; não é uma crise cultural. É uma crise do homem: o que está em crise é o homem! Mas o homem é imagem de Deus! Por isso há uma crise profunda! Neste momento de crise não nos podemos preocupar apenas connosco, fechar-nos na solidão, no desânimo, no sentimento de impotência perante os problemas. Não vos fechais por favor! Isso é um Jesus perigo: fechamo-nos na paróquia, com os amigos, nos movimentos, com os que partilham as mesmas coisas connosco… Mas sabeis o que sucede? Quando a Igreja se fecha, adoece cada vez mais. Pensai num quarto fechado durante um ano; quando lá fordes, há um cheiro a bafio, há tanta coisa errada. Uma Igreja fechada é a mesma coisa: é uma Igreja doente. A Igreja tem de sair de si mesma. Para onde? Para as periferias existenciais sejam elas quais forem, mas sair. Diz-nos Jesus: "Ide por todo o mundo! Andai! Pregai! Dai testemunho do Evangelho!" (cfr. Mc 16, 15).

E o que sucede se não sai de dentro de si mesma? Pode dar-se o que sucede a todos aqueles que saem de casa e andam na rua: um acidente. Mas eu digo-vos: prefiro mil vezes uma Igreja acidentada, que sofreu um acidente, a uma Igreja doente de clausura! Saí, saí! Pensai no que diz o Apocalipse. Diz uma coisa bela: que Jesus está à porta e chama, chama para entrar no nosso coração (cfr. Ap 3,20). É este o sentido do Apocalipse. Mas perguntai isto a vós mesmos: quantas vezes Jesus está dentro e bate para sair e nós não O deixamos sair para nossa segurança,

porque muitas vezes estamos fechados em estruturas caducas que só servem para fazer de nós escravos e não livres filhos de Deus? É importante ir ao encontro nesta livre "saída"; esta palavra pareceu-me muito importante: o encontro com os outros. Vivemos uma cultura do desencontro, uma cultura da fragmentização, uma cultura na qual deitamos fora o que não nos interessa, e todos sem negociar a nossa pertença. E há ou uma cultura do deitar fora.

Mas convido-vos a pensar neste ponto – e faz parte da crise – nos anciãos que são a sabedoria de um povo, nas crianças… A cultura do deitar fora! Mas devemos ir ao encontro e criar com a nossa fé uma "cultura do encontro", uma cultura da amizade, uma cultura onde encontremos irmãos, onde possamos falar também com os que a não pensam como nós, com os que têm outra fé, que não têm a mesma fé. Todos têm algo em comum connosco: são imagens de Deus, são filhos de Deus. Ir ao encontro de todos sem negociar a nossa fé. E outro ponto importante: com os pobres. Hoje – e dói ouvi-lo – encontrar um vagabundo morto de frio não é novidade. Hoje um escândalo é talvez notícia. Um escândalo: ah, isso é notícia! Hoje pensar que tantas crianças não têm comida não é notícia. Isto é grave, isto é grave! Não podemos ficar tranquilos!

Ora… Mas é assim. Nós não podemos ser cristãos imaculados, esses cristãos demasiado educados, que falam de assuntos enquanto tomam chá tranquilamente. Não! Devemos tornar-nos cristãos corajosos e ir em busca dos que são a própria carne de Cristo!

Quando vou confessar – ainda não posso, porque sair para me confessar… daqui não se pode sair, mas isto é outro problema – quando eu ia confessar na diocese precedente, apareciam uns quantos a quem perguntava sempre: "Mas dá esmola?" – "Sim, padre!". "Ah, bom, bom". E fazia outras duas perguntas: "Diga-me: quando dá esmola olha para aquele ou aquela a quem a dá?" – "Ah, não, não pensei nisso". Segunda pergunta: "E quando dá a esmola, toca na mão daquele a quem a dá ou atira a moeda?" Eis o problema: a carne de Cristo, tocar na carne de de Cristo, assumir

esta dor dos pobres. A piedade não é para nós cristãos uma categoria sociológica, filosófica ou cultural: não, é uma categoria teologal. Eu diria que é talvez a primeira categoria, porque esse Deus, o Filho de Deus, se baixou, se fez pobre para caminhar connosco. E é esta a nossa pobreza: a pobreza da carne de Cristo, a pobreza que o Filho de Deus nos trouxe com a Sua Encarnação.

Uma Igreja pobre para os pobres começa por ir ao encontro da carne de Cristo. Se vamos ao encontro da carne de Cristo, começamos a compreender algo, a compreender o que é esta pobreza, a pobreza do Senhor. E isto não é fácil. Mas há um problema que não faz bem ao espírito dos cristãos: o espírito mundano, a mundanidade espiritual. Isto leva-nos a uma suficiência, a viver o espírito do mundo e não o de Jesus. A questão que colocáveis: como se deve viver para enfrentar esta crise que atinge a ética pública, o modelo de desenvolvimento, a política. Como se trata de uma crise do homem, uma crise que destrói o homem, é uma crise que despoja o homem da ética. Se, na vida pública, na política, não houver ética, uma ética de referência, tudo é possível e tudo pode ser feito. E, quando lemos os jornais, vemos como a falta de ética na vida pública faz tão mal à humanidade inteira.

Queria contar-vos uma história. Já o fiz duas vezes esta semana, mas fá-lo-ei uma terceira vez a vós. É a história que conta um midrash bíblico de um rabino do século XII. Ele conta-nos a história da construção da Torre de Babel e diz-nos que, para a construir eram preciso fazer tijolos. O que significa isto? Ir, misturar a lama, transportar a palha, fazer tudo e depois… ao forno. E, uma vez feito, o tijolo era levado para cima, para a construção da torre de Babel. Um tijolo era um tesouro por causa do trabalho todo que dava fazê-lo. Quando um tijolo caía, era uma tragédia nacional e o operário culpado era castigado; um tijolo era tão preciso que era um drama quando caía. Mas se um operário caía, não acontecia

nada, era uma coisa totalmente diferente. Isto acontece hoje: se os investimentos nos bancos descem um pouco… tragédia… o que fazer? Mas se as pessoas morrem de fome, se não têm comida, se não têm saúde, não se faz nada! Eis a nossa crise atual! E o testemunho de uma Igreja pobre para os pobres vai ao encontro desta mentalidade.

A quarta questão: "Perante estas situações parece-me que o meu confessar, o meu testemunho é tímido, tem peias. Eu queria fazer mais, mas o quê? E como ajudar estes nossos irmãos, como aliviar os seus sofrimentos nada ou muito pouco podendo fazer para mudar o seu contexto político-social?".

Para anunciar o Evangelho são necessárias duas virtudes: a coragem e a paciência. Eles (os cristãos que sofrem) são a Igreja da paciência. Sofrem e são mais mártires hoje que nos primeiros séculos da Igreja, são mais mártires! São nossos irmãos e irmãs. Sofrem! Levam a fé ao martírio. Mas o martírio nunca é uma derrota; o martírio é o mais alto grau do testemunho que devemos dar. Estamos no caminho do martírio, dos pequenos martírios; renunciar a isto, fazer aquilo… mas estamos no caminho. E eles, os pobrezinhos, dão a vida, mas dão-na – como sentimos a situação no Paquistão – por amor a Jesus, testemunhando Jesus. Um cristão deve ter sempre esta atitude de amor a Jesus, testemunhando Jesus. Um cristão deve ter sempre esta atitude de mansidão, de humildade, a mesma atitude que eles têm confiando em Jesus, entregando-se a Jesus. É bom precisar que muitas vezes estes conflitos não têm uma origem religiosa; há amiúde outras causas de tipo social e político, e infelizmente as pertenças religiosas são utilizadas como achas na fogueira. Um cristão deve sempre saber responder ao mal com o bem, mesmo que isto seja muitas vezes difícil. Nós procuramos fazer sentir a estes irmãos e a estas irmãs que estamos profundamente unidos – profundamente unidos! – à sua situação, que sabemos que eles são cristãos

“entrados na paciência”. Quando Jesus vai ao encontro da Paixão, entra na paciência. Eles entraram na paciência: dai-lo a saber, mas também dai-lo a saber ao senhor. Pergunto-vos: vós rezais e por estes irmãos e estas irmãs? Rezais por eles? Não vou agora pedir que quem reza levante a mão: não. Não o perguntarei agora. Mas pensai bem nisso. Na oração quotidiana, dizemos a Jesus: “Senhor, olha para este irmão, olha para esta irmã que tanto sofre, que tanto sofre!” Eles experimentam o limite, justamente o limite entre a vida e a morte. E também para nós: esta experiência deve levar-nos a promover a liberdade religiosa para todos, para todos! Todos os homens e todas as mulheres devem ser livres na sua confissão religiosa seja ela qual for. Porquê? Porque esses homens e essas mulheres são filhos de Deus.

E assim creio ter dito algo acerca das vossas questões, peço desculpa se me alonguei demais. Obrigado e não esqueçais: nada de Igreja fechada, mas sim uma Igreja que sai para fora, para as periferias da existência. Que aí o Senhor nos guie. Obrigado.

## Próximas Actividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

**Mkq05<** 3.º Conselho da FaMVD e Eucaristia da FaMVD (Vale de Lobos, 9h30m-18h30m)
**Mko56 d 5;** Jornada Mundial da Juventude (Rio de Janeiro)
**Mko57 d 64** Retiro Eclesial Nacional da FMVD (Vale de Lobos)
**Dj r 43 d 4:** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h, com Casa da Alegria mas sem colónia)
**Dj r 57 d 64** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h, com Casa da Alegria e Colónia)
**Vhw7 d ;** Campo de Trabalho dos Jovens Fraternos (Vale de Lobos)
**Vhw53 d 55** Encontro de Animadores dos Grupos de Jovens Fraternos (Vale de Lobos, 21h)
**Vhw5: d 5<** Retiro de Silêncio (Vale de Lobos, 21h)

Mais informações e inscrições em www.verbumdei.org

# Família Missionária Verbum Dei

## Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

## Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.

**Centro de Evangelização Vale de Lobos**
Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo
GPS N 38º 49' 15"; W 9º 17' 25"
Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

**Casa da Palavra**
Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa
Tel. 218 450 08 1

**Fraternidade Missionária Verbum Dei**
www.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com